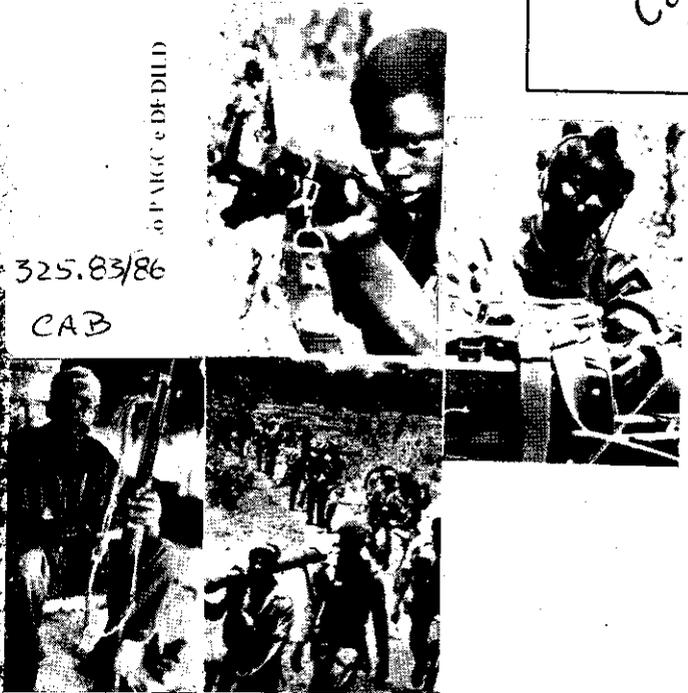


Amilcar
Cabral



325.83/86
CAB

Análise de alguns tipos de resistênciã

Composto e impresso
nas oficinas gráficas
da Imprensa Nacional
Bolama-República da Guiné-Bissau

100/100

U5

**Análise
de alguns tipos
de Resistência**

Amílcar Cabral

Análise de alguns tipos de Resistência

EDIÇÃO DO PAIGC



N. 715

Guiné-Bissau
Imprensa Nacional
Bolama, 1979

NOTA

Estes textos foram escritos a partir da gravação das conversas pronunciadas em creoulo pelo Camarada Secretário Geral do PAIGC no Seminário de Quadros realizado de 19 a 24 de Novembro de 1969.

Introduzimos apenas os subtítulos.

Título: Análise de alguns tipos de resistência

Capa: J. A. Freilas de Barros

Tiragem: 5000

ERRATA

Pág.	Linha	Onde se lê	Leia-se
11	17	medo	mando
28	7	tera mizades.	ter amizade.
30	36	companhie-	companheiros
41	11	Porisso,	Por isso,
59	17		à
60	5		às
81	6	da	de
86	14	de	do
87	19	adrão	ladrão
89	9	idéia	ideia
93	24	idéia	ideia
94	13	de realidades,	da realidade,
95	22	mê	mês
95	23	d	de
96	25	bandeios	bandeira
100	1	de	da
103	36	sociedade.s	sociedades,
110	33		o
113	23	necessidade	necessidade

1. Resistência Política

A nossa resistência, camaradas, podemos compará-la ao seguinte, por exemplo: uma família, uma tabanca da nossa terra, tem necessidade de lavar arroz; ela tem duas buchas de arroz. Ela sabe que se tirar uma bucha para semear, vai haver falta, porque o arroz não vai chegar para comer. Mas ela tira aquela bucha, semeia-a, e se trabalhar bem, depois pode colher 10, 20 ou mesmo 30 buchas, conforme o terreno. Isso é parecido com a resistência de um povo, camaradas.

Nós todos tínhamos a nossa vida, qualquer um de vocês podia estar em sua casa, com a sua família, debaixo do colonialista certo, mas em sua casa, com a sua família. Outros talvez fossem advogados dos tugas, como há lá outros advogados, médicos dos tugas, como há lá outros médicos, engenheiros, como há lá outros agricultores, mecânicos, carpinteiros, alfaiates, cipaio, soldados, etc.. Mas nós resolvemos fazer das nossas cabeças aquela semente que se põe na terra para

fazer nascer novas plantas. Claro que pode acontecer algum desastre. Pode, por exemplo, não chover e as sementes secarem todas. Podemos lavrar mal e as sementes não nascerem. Perdemos as sementes, não conseguimos nada, e ficamos com fome ainda por cima. Podemos até não guardar bem o nosso trabalho e as pragas, os pássaros e os macacos virem estragar toda a cultura. A resistência dum povo, exige coragem para nos transformarmos em semente para criar uma nova plantação que dará então a felicidade desse povo, na liberdade. Esse é o risco, o chamado risco da resistência. Alguns ficam para trás, mas cada dia mais hão-de crescer, outros que vão para a frente. E só podem ganhar uma resistência, aqueles que forem capazes de fazer a sua obra crescer cada dia mais.

Formas de Resistência

A luta dum povo, a resistência dum povo tem várias formas. Como eu já vos disse, há muito tempo que começou a nossa resistência. Desde o dia em que passou pela cabeça dos tucas dominar-nos, explorar-nos, a nossa resistência começou na Guiné. Desde o dia em que a situação social em Cabo Verde mostrou claro que, dependente dos colonialistas portugueses o nosso povo em Cabo Verde era explorado, humilhado, exportado como animais, a morrer de fome, a resistência começou em Cabo Verde.

Resistência de cada um, como pudesse. Resistência na emigração: os nossos manjacos que vão para a França, para o Senegal, os nossos Balantas que saíram da área de Mansoa, que primeiro resistiram e passaram para o Chão dos Na-

lús, depois resistiram e passaram para a área de Bofá, Cória, etc, na República da Guiné. Tudo isso também é resistência, camaradas. Resistência de um ou outro que tem a coragem de dar bofetadas aos cipaíos e que depois é espancado até morrer; resistência daqueles que os chefes de posto mandam chamar e fogem. Resistência individual, de todas as maneiras e feitios. Mas outros, uniam-se também para fazerem resistência, na base da raça, na base da «mandjoandade», na base de famílias, ou noutras bases. Só quando numa terra alguns dos filhos do povo tomam consciência e entendem claro o caminho que se deve seguir para a resistência, então a resistência é definida claramente.

A resistência é uma coisa natural. Toda a força que se exerce sobre uma coisa qualquer, dá lugar a uma resistência, quer dizer, a uma força contrária. E a força contrária da força colonialista e imperialista é o movimento de libertação nacional. Isso só se pode resolver com trabalho político ou, então, em certas condições, pode tomar a forma de luta armada, que é o nosso caso concreto. E então definem-se a pouco e pouco, no quadro dessa resistência geral, vários tipos de resistência. É fundamental que cada militante ou responsável, tenha consciência clara desses tipos de resistência. Mas mais importante ainda, é saber por que é que resistimos, para que é que fazemos a resistência. Devemos conhecer bem os objectivos da resistência.

A resistência é o seguinte: destruir alguma coisa, para construir outra coisa. Isso é que é resistência. O que é que nós queremos destruir na nossa terra? A dominação colonial dos tucas. Só isso? Não. Ao mesmo tempo, não queremos qual-

quer outro tipo de dominação colonial na nossa terra, qualquer outro tipo de dominação estrangeira. Queremos que o nosso povo mande no seu destino, através dos seus filhos, na Guiné e em Cabo Verde. Isso é que queremos em primeiro lugar.

Mas, na base da vida do nosso Partido, queremos destruir toda a possibilidade de aqueles que libertam a terra ou outros venham abusar do nosso povo amanhã. O nosso objectivo não é destruir os colonialistas portugueses, a sua dominação, para um grupo de gente nossa ficar no seu lugar. O nosso objectivo não pode ser o de ir tomar conta do palácio do governador para fazer na nossa terra, o que aquele governador queria fazer. Nem da casa do chefe de posto ou do administrador. O nosso objectivo é rebentar com o estado colonial na nossa terra para criarmos um estado novo, diferente, na base da justiça, do trabalho e da igualdade de oportunidade para todos os filhos da nossa terra, na Guiné e em Cabo Verde.

Queremos, portanto, destruir tudo quanto seja um obstáculo ao progresso do nosso povo, todas as relações que há na nossa sociedade, na Guiné ou em Cabo Verde, que sejam contra o progresso do nosso povo, contra a liberdade do nosso povo. Queremos o seguinte, ao fim e ao cabo: possibilidades concretas e iguais para qualquer filho da nossa terra, homem ou mulher, avançar como ser humano, dar tudo da sua capacidade, desenvolver o seu físico e o seu espírito, para ser um homem ou uma mulher à altura da sua capacidade de facto. Tudo quanto seja contra isso, temos de destruir na nossa terra, camaradas. Passo a passo, um a um se for preciso, mas temos que destruir para construir uma

vida nova. Este é que é o objectivo principal da nossa resistência.

Todos os abusos, todos os privilégios de grupos ou grupinhos, não podemos accitar na nossa terra amanhã, se de facto queremos libertar o nosso povo. Não vamos libertar o nosso povo só dos colonialistas tucas, não, mas de tudo quanto o prejudica no caminho do progresso. Temos que destruir a ignorância, a falta de saúde, e toda a espécie de medo, a pouco e pouco, passo a passo.

Se hoje, na nossa terra, na luta, e talvez amanhã ainda durante muito tempo compreendemos que haja pessoas com medo do «Polon», por exemplo, ou medo de *chifres*, mais dia, menos dia, quando todo o nosso povo souber ler e escrever como deve ser, frequente a escola e entender bem o que é o medo, o que é a vida, o que é a natureza, compreender bem o que é o «polon», o que é o relâmpago, o que são os raios, o que é a lua, as estrelas, e tudo o mais, temos a certeza de que ninguém mais na nossa terra terá medo de *chifres*, ou medo de olhos arregalados dos feiticeiros da nossa terra, camaradas.

Quando conseguirmos isso, teremos libertado de verdade o povo da nossa terra. Porque a maior pressão que existe sobre um povo, não é a dos colonialistas, camaradas, não é a falta de trabalho, não, é o *medo*. Um povo que tem medo é um povo escravo. Medo de passar fome, medo de não ter trabalho, medo de doenças, medo de pancada, medo de ser deportado para S. Tomé, medo de ser preso injustamente. Mas ainda mais, medo de curandeiros, medo dos que deitam *sortes*, medo da conversa dos mouros, medo do «iran», medo do mato escuro, medo dos raios, medo dos relâmpagos. Desgraçado povo que tem tanto medo, camaradas.

Um povo com tanto medo, mas um povo capaz de pegar em armas para lutar contra os colonialistas, dando-lhes duro na sua terra. Vejam a contradição que existe, camaradas. Isso mostra-nos claro que nós somos capazes de tudo. E o objectivo do nosso Partido é exactamente esse. Desenvolver toda a nossa capacidade. A nossa resistência é isso que está buscando. Eliminar tudo quanto possa impedir-nos de ter capacidade.

Não queremos mais na nossa terra, amanhã, — hoje ainda aceitamos um bocado — que os filhos tenham medo dos pais, não, eles devem ter respeito, não medo. Não queremos mais na nossa terra, que se amarrem as crianças para lhes baterem. Isso é diminuir a nossa gente, é cortar o caminho à nossa gente, camaradas. Não queremos mais na nossa terra que se amarre ninguém para lhe bater. Os que são bandidos, que não prestam, serão julgados e se for preciso fusilados, mas não tratados como cães. Não queremos mais na nossa terra que se trate os seres humanos como cães.

E o nosso trabalho é destruir, na nossa resistência, tudo quanto faça da nossa gente cachorros — homens ou mulheres — para deixarmos avançar, crescer, levantar, como as flores na nossa terra, tudo quanto possa fazer da nossa gente, seres humanos de valor. Esse é que é o nosso trabalho, camaradas. Se não entenderem isso, ainda não entenderam nada.

Por isso é que sacrificamos, por isso é que estamos a lutar. Devemos ter consciência do que é que queremos destruir na nossa terra, o que é que queremos construir. Essa é a primeira situação para uma resistência avançar a sério. Para isso é

fundamental termos consciência clara de certos problemas. Por exemplo: Quem somos nós, quem é o nosso inimigo? Há muito que nós explicámos isso. Mas devemos saber donde é que saímos, de que ponto é que partimos para esta luta, para esta resistência. Já vos expliquei isso, há dias, aqui. Que é que nós éramos antes da resistência, antes da luta organizada. A situação na nossa terra, política, económica, cultural, social. E temos que definir claramente de que maneira é que fizemos e fazemos a resistência na nossa terra.

Desenvolvimento da Resistência Política

A nossa resistência desenvolve-se sob várias formas, camaradas. Primeiro a resistência política, primeiro de tudo e no fim de tudo: *Resistência Política*. Por isso nós começamos por criar o nosso Partido, um instrumento político. Mas outros tipos de resistência também: resistência económica, resistência cultural, resistência armada, camaradas, como elemento fundamental da nossa luta, da nossa resistência. Existem pelo menos estes tipos de resistência e temos que os desenvolver cada dia mais. A nossa luta tem sido o desenvolvimento disso, mesmo que nós tenhamos ou não consciência desse facto. Esta é que tem sido a nossa luta camaradas.

Por isso mesmo, desde o começo, o programa do nosso Partido definiu claro, quais eram os objectivos políticos que temos em vista. Lutar, pegar em armas, fazer a greve, é fácil demais, mas não chega lutar com as armas nas mãos. É preciso lutar com consciência política na cabeça.

É preciso termos consciência de que é a consciência do homem que guia a arma e não a arma que guia a consciência. A arma vale porque o homem está atrás, agarrado a ela. E vale tanto mais quanto mais vale a consciência do homem, quanto mais a consciência do homem servir uma causa justa, bem definida, clara.

Temos que definir claramente a nossa resistência política, porque o inimigo faz pressão política para destruir a nossa resistência política. Temos que, tanto dentro como fora da nossa terra, definir claramente a nossa resistência política, o que devemos fazer. Há muito que a definimos. Quem não sabe isso, se não sabe, é porque não se interessou em saber bem.

A primeira condição para a resistência política, camaradas, é unir as pessoas. Já falámos sobre isso na questão dos princípios do Partido, foi já definido em grande parte qual é a nossa resistência política. Unir, criar a pouco e pouco a consciência nacional, porque nós partimos dum ponto em que não tínhamos uma consciência nacional, em que tanto pela nossa História como pelo trabalho dos tucas, estávamos divididos em grupos. Civilizados e indígenas, gentes da cidade e gentes do mato, balantas, papéis, manjacos e mandingas, etc.. O nosso primeiro trabalho é criar num certo número da nossa gente, a consciência nacional, a ideia da unidade nacional, tanto na Guiné como em Cabo Verde. Por isso mesmo o Programa do nosso Partido foi claro: unidade nacional na Guiné, unidade nacional em Cabo Verde.

Devemos procurar, na resistência política, para servirmos a nossa resistência em geral, unir toda a gente, o mais que pudermos. Mas como já vos disse, unir sem oportunismos, negar o oportunismo,

porque a nossa resistência, não é resistência para servir um grupinho ou para fazer chefes, não é a resistência do Cabral que quer que os outros o sirvam. Eu, se quisesse, em 1960, era chefe de todos os «movimentos» de Dakar, eu podia uni-los todos atrás de mim. Mesmo o nosso camarada Luiz Cabral, quando saiu e chegou ao Senegal, reuniram-se com ele e puseram-lhe o problema: Deixa o PAIGC, trabalha connosco e fica como nosso chefe. Respondeu-lhes que não lhe dissessem isso porque ele era PAIGC. Desde esse dia eles foram seus inimigos. Até indivíduos que frequentavam a sua casa antes, tornaram-se seus inimigos. Porque nós não aceitamos o oportunismo de maneira nenhuma, negamos o oportunismo, camaradas.

Unidade nacional, sim, consciência nacional, sim, mas contra todos os traidores, contra todos os oportunistas, contra todos os imorais. Não podemos fazer unidade nacional com ladrões, com mentirosos, com bandidos. Fazemos a unidade nacional, com um objectivo certo: combater o inimigo, lutar contra o inimigo, mas também ao mesmo tempo lutar contra todos os factores negativos do nosso meio. Este é um aspecto fundamental da nossa resistência política, que os camaradas têm que entender a fundo para poderem orientar o seu trabalho, quer como militantes quer como responsáveis.

Temos que estar vigilantes para não permitirmos a ninguém dividir o povo. Temos que definir claramente como vos disse, o que é o povo, na fase actual da nossa História. Eu repito: povo é todo o filho da nossa terra, na Guiné e Cabo Verde, que quer correr com os colonialistas portugueses, mais nada. Ele quer, ele é o nosso povo,

e nós não queremos que ninguém divida o nosso povo. Vigilância, porque quem divide o povo, ele é pior que o inimigo tuga que de certeza se vai embora.

Na nossa resistência política, temos que elevar cada vez mais a consciência de cada militante engajado na luta ou no Partido. Exigir de cada um, a superação do seu próprio trabalho e dos próprios conhecimentos. Só assim é que podemos fazer de cada valor da nossa terra, um valor ainda maior, homens ou mulheres.

Temos que lutar para aplicarmos os princípios que estabelecemos e de que nós falámos aqui, para toda a gente ter possibilidade de avançar, homens ou mulheres. Quem se recusa a isso, está a trair, está a sabotar a nossa resistência política. E temos que organizar, organizar. Por isso é que o nosso Partido, desde o início começou a organizar-se logo, primeiro clandestinamente, em grupos de três, em células, nas cidades, depois no mato, pequenos grupos, lá onde era possível fazê-los às claras, era às claras, onde era necessário esconder, escondidos. Depois, tabancas organizadas e, pouco a pouco, avançámos: Comitês do Partido, Comitês de Zona, Comitês Regionais, Comitês Inter-regionais.

Pouco a pouco, transformámos a Direcção do nosso Partido, organizando-a cada vez melhor, de acordo com a realidade da luta, para podermos melhorar a nossa resistência política. E cada dia, cada hora, procurámos pôr claro o porquê da nossa luta, o que é que queremos, para que cada um avance, sabendo bem o que é que está a fazer, e para que é que está a fazer. Essa é a base necessária para podermos resistir politicamente às manobras do inimigo, à sua propaganda, para po-

dermos fazer avançar a nossa resistência política, camaradas, que é a resistência fundamental, no quadro da nossa resistência geral.

Já dissemos muitas vezes, que cada dia devemos esclarecer as massas da nossa terra, contar-lhes a verdade acima de tudo, nunca dizer mentiras, não enganar ninguém, nós não temos necessidade de enganar ninguém. E na medida em que enganarmos, em que mentirmos, estamos a estragar a nossa resistência política. Se há dificuldades, dizê-lo claramente, se ganhámos, dizê-lo claramente, se perdemos, dizê-lo claramente. Porque em todas as lutas não há só vitórias. Se houver só vitórias, não é luta nenhuma. Há vitórias e derrotas, dificuldades, desespere às vezes, mas vamos sempre para a frente. Temos que procurar, esclarecendo as massas da nossa terra, mostrando-lhe claro qual é a intenção do inimigo, não deixar o inimigo iludi-las. É um trabalho fundamental para nós, camaradas, e que infelizmente alguns camaradas têm esquecido.

No quadro da situação concreta da nossa luta, no quadro da realização da unidade nacional, na Guiné, devemos fazer mais esforço para conquistar os nossos irmãos que alguns chefes desviaram da nossa luta, sobretudo entre os fulas e entre alguns manjacos. Por isso, e para isso, o nosso Partido estabeleceu toda uma política e distinguiu a população dos seus chefes. Trata a população bem, procura o máximo não lhe fazer mal. Por isso mesmo, quando começámos a luta no Gabú, nos princípios de 1965, demos ordens ao nosso comando para, durante um mês, não dar um só tiro contra a gente da nossa terra que enganada pelos tugas tinha pegado em armas contra nós. Falámos, conversámos, e alguns camaradas

até morreram sem terem dado um único tiro. O camarada Lúcio pode falar-nos disso. ele assistiu. Para podermos conquistar, para reforçarmos a nossa resistência política, para melhorarmos a nossa unidade no quadro da nossa acção.

Em Cabo Verde, embora saibamos que a nossa luta é para servir fundamentalmente aqueles que estão a sofrer, que não têm terra para lavrar, que não têm emprego, que são contratados para irem morrer em S. Tomé; que a nossa luta é para aquelas mães que carregam sacos no cais de S. Vicente, que morrem de fome ao lado dos seus filhos, no tempo de crise; embora nós saibamos tudo isso, demos ordens para que se conseguisse o máximo de gente para a nossa luta. Mesmo aqueles que estão ao lado dos tugas. Aos filhos de Cabo Verde, bem empregados, vivendo bem, dissemos-lhes: a terra é vossa, juntem-se connosco para avançarmos. Porque o primeiro passo da resistência política é juntar o máximo de gente possível para a luta.

Na Guiné é a mesma coisa. A nossa luta na Guiné, não é para mim, do ponto de vista material, de melhorar a vida. Se alguma vez na minha vida, voltar a ter na nossa terra, na Guiné ou em Cabo Verde, a vida que eu tinha antes . . . E mesmo, se os dirigentes da nossa terra amanhã, na Guiné ou em Cabo Verde, viverem tão bem como eu vivia em Portugal, isso quererá dizer que o nosso país é muito rico. Devemos estar vigilantes, para não os deixarmos, os nossos dirigentes, viverem assim, porque é uma vida demasiado boa, para um país pobre que tem que trabalhar muito ainda. A nossa luta na Guiné é para a nossa gente do mato, em primeiro lugar, gente que viveu durante séculos e séculos dentro duma tabanca, sem conhecer para além de 5 quilómetros

da sua casa, gente que não sabe o que é uma escola, o que é um medicamento para curar as doenças que lhe encham o corpo.

A nossa resistência na Guiné é para acabar com todos os abusos, contra aqueles que abusam, tanto no mato como nas cidades. Para os filhos da nossa terra conhecerem a sua profissão como deve ser e para nenhum estrangeiro dirigir a nossa terra. Mas sabendo isso ou apesar disso, procuramos juntar todos connosco, gente de todas as categorias sociais. Ainda hoje eu vos disse, mesmo ao Jaime Pinto Bull, lhe disse que deixasse os tugas e viesse connosco. Assim como em relação a Cabo Verde, eu disse claro ao Júlio Monteiro, ao Aginaldo Veiga, ao Antero Barros e tantos outros, que largassem os tugas, que pegassem connosco, que a terra também é deles. Não somos só nós que temos o direito e o dever de lutar pela nossa terra, a terra chega para todos nós. Esse é que é o caminho da resistência política, de quem de facto quer lutar ou pegar no duro, para servir o seu povo, e não para servir a sua barriga.

No quadro da resistência política dentro da nossa terra, devemos fazer tudo para que todas as forças da terra venham para a resistência política. O nosso Partido fez muito, talvez devesse ou pudesse fazer mais, mas fez muito. E as vitórias da nossa luta, os sucessos da nossa luta, a continuidade da nossa luta, as perspectivas de hoje da nossa luta, mostram-nos que o nosso Partido alcançou grandes vitórias nesse sentido. Embora ainda haja traidores na nossa terra, ainda haja *tuguis-tas*, cachorros dos tugas na nossa terra. Embora ainda haja no nosso meio gente, que talvez amanhã passe para o lado dos tugas, porque as suas ambições, as suas manias, as suas vai-

dades, os seus vícios, não lhe permitem aguentar as exigências, os rigores do trabalho do nosso Partido.

Resistência Política no Plano Exterior

No plano exterior também, a resistência política tem que ser grande. O nosso objectivo principal, nas nossas condições, no plano exterior, é conseguir apoio político de toda a gente, para reforçarmos a nossa resistência política.

O nosso Partido trabalhou, lutou muito, para conseguir esse apoio político, tanto em África como no mundo. Desde 1960, nós, da Guiné e Cabo Verde, tivemos sorte, porque fui eu mesmo que fui indicado pelos votos de todos os camaradas das colónias portuguesas que estavam connosco, para começar a denunciar o colonialismo português no mundo. E foi em Fevereiro de 1960 que demos a primeira conferência de imprensa no plano internacional, em Londres, desmascarando o colonialismo português e que escrevemos o primeiro panfleto, contra o colonialismo português, escrito por um dos filhos das colónias portuguesas. Foi publicado em inglês na Inglaterra, sob o nome de Abel Djassi. Lá, a nossa resistência política no plano internacional, no plano exterior, começou a tomar forma, ainda no quadro das colónias portuguesas, mas marchando aos poucos para o quadro da Guiné e Cabo Verde, no quadro do nosso Partido, portanto.

O objectivo principal da resistência política no plano exterior, é o de conquistar aliados, conquistar apoio político e isolar o inimigo politicamente. Por isso, a partir de 1960 nós começámos,

enquanto preparávamos a nossa gente para a luta armada, a frequentar conferências, reuniões internacionais, pondo o problema, lutando para que fossemos ouvidos, multiplicando a nossa acção, procurando todo o apoio necessário e procurando isolar o inimigo no mundo.

a) ISOLAR O INIMIGO

Outro problema é procurar isolar o inimigo mesmo em relação ao seu povo. Assim, desde o começo, no quadro da nossa resistência política, nós deixámos claro que não lutamos contra o povo português. Toda a gente do nosso Partido sabe isso. Nós não lutamos contra o povo português, nem contra portugueses, nós lutamos contra o colonialismo português, contra os colonialistas portugueses. Estamos a lutar para tirar os colonialistas portugueses da nossa terra. Mas fomos ainda mais claros: é que nós, da Guiné e Cabo Verde, PAIGC, nós não lutamos nem contra o Salazarismo ou o fascismo em Portugal. Esse é trabalho dos portugueses, não é nosso. Esse é um ponto importante para isolarmos os tugas do seu próprio povo.

Dentro da Guiné conseguimos isolá-los um bocado. Vimos que, se no começo de 1959, mesmo na greve de Agosto de 1959, no massacre de Pidjiguiti, alguns civis pegaram em armas contra nós, já na guerra os civis portugueses não querem pegar em armas. Vários civis se puseram do nosso lado. É um sucesso do nosso Partido, e eles sabem bem que não estamos contra eles. Isso é que é isolar o inimigo do seu próprio povo, da sua própria gente.

E em Portugal, hoje dia a dia, cada vez mais

se levanta uma opinião favorável ao PAIGC, camaradas. Há um respeito grande em Portugal, pelo nosso Partido, nem vocês imaginam. Mais respeito de alguns tugas em Portugal pelo Partido, que de alguns de vocês sentados aqui talvez. Vocês desculpem, mas é verdade. E cada dia se levanta mais a opinião contra a guerra colonial na nossa terra, porque o nosso Partido tem conseguido trabalhar nesse aspecto da resistência política, que é isolar o inimigo, distingui-lo do seu povo, isolá-lo em relação ao seu povo.

Podia ser melhor, mas o tempo não chega para que todas as coisas sejam muito boas. Defendemos a nossa posição em relação ao povo português, instruímos todos os camaradas em relação a isso. Dissemos à nossa gente abertamente, aos nossos militantes, desde o começo da preparação da luta, qual era a posição do nosso Partido, da nossa resistência, em relação ao povo português. Definimos a maneira de tratar os prisioneiros de guerra, de tratar os desertores, para conquistarmos cada vez mais o povo português, isolando-o dos nossos inimigos que são os colonialistas portugueses. E hoje sabemos que a maior propaganda que já se fez do nosso Partido, da nossa luta, da nossa resistência, foi feita por desertores portugueses, até por prisioneiros portugueses. Essa é uma das grandes vitórias da nossa luta. Houve mesmo desertores portugueses, que depois de os mandarmos embora, nos escreveram pedindo para aceitarmos naturalizá-los como filhos da nossa terra, porque eles querem viver trabalhando para o PAIGC. Isso mostra quanto sucesso nós tivemos nesse trabalho. Desde o começo da luta mesmo com documentos que talvez os camaradas conheçam, nós nos dirigimos aos colonos da nossa terra,

dizendo-lhes claramente: «Vocês são a roda do velho carro colonialista que quer continuar a explorar o nosso povo». Mesmo esses têm lugar na nossa terra, se quiserem. Queremos fazer uma terra onde todo o homem de qualquer parte do mundo, desde que respeite o direito do nosso povo de mandar em si mesmo, pode viver, trabalhar e viver como deve ser. Essa foi a primeira razão que desmobilizou muitos civis tugas, colonos tugas, para negarem o caminho dos colonialistas.

E chegou a um ponto tal que por volta de 1964, se as autoridades aceitassem, eles tinham-se ido todos embora. Mas no quadro da nossa luta, embora armada e para respeitar o próprio tipo da nossa resistência política, nós negamos toda a espécie de abusos nos soldados portugueses. Se algum dos nossos camaradas cometeu alguma vez crimes como aqueles que os próprios tugas cometem contra nós, ele não obedeceu às ordens do Partido.

No começo da nossa luta, houve camaradas que, no quadro geral do tipo da nossa luta, nos sugeriram fazer certas atrocidades. Mas recusámo-nos a isso. Na nossa luta não há dessas coisas que se passaram noutras terras em África, quaisquer que fossem as razões dos africanos: matar mulheres, matar crianças brancas, só porque são brancas. Nós recusámo-nos a isso numa vez para sempre. Porquê? Porque queremos fazer uma resistência política para servir o nosso povo, não queremos que o nosso povo seja sanguinário, não queremos que o nosso povo faça sangue só por fazer sangue. Fazer sangue, mas fazendo política, servindo o futuro da nossa terra.

Cada um que matamos é porque tem armas nas mãos contra nós, contra os direitos do nosso

povo. Demos ordem para que cada um que pegou em armas e a largou, não seja mais considerado inimigo: é um ser humano que devemos tratar bem. Felizmente os nossos camaradas têm sabido respeitar isso, como deve ser. E se um ou outro não respeita, está a sabotar o trabalho do nosso Partido, a nossa resistência política.

b) TRABALHAR PARA A UNIÃO DOS MOVIMENTOS DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS

No quadro da nossa resistência política é muito importante o nosso trabalho com os outros povos das outras colónias portuguesas. Já vos dissemos, que dos movimentos das colónias portuguesas não há nenhum que se preocupasse tanto com isso como o nosso Partido. Desde o começo pusémos sempre esse problema: nós somos um só, lutemos juntos, porque o inimigo é um só. Houve altos e baixos nos outros movimentos em relação ao nosso conjunto, houve traições noutros movimentos, mas o PAIGC foi sempre fiel à solidariedade incondicional com outros movimentos das outras colónias portuguesas, camaradas. Houve até camaradas do nosso Partido que nos puseram o problema: mas como, só nós é que aguentamos a CONCP? Nós respondemos que aguentássemos porque era o nosso interesse, não era só o interesse dos outros, era nosso também. Foi preciso sacrificar quadros para trabalharem para a CONCP, enquanto outros não deram nenhum. Na mesma ideia, defendemos contra tudo e todos a necessidade de juntar todos os estudantes das colónias portuguesas numa organização (UGEAN). Felizmente os nossos camaradas, disciplinados, entenderam bem isso.

Sómente nos negámos a uma coisa, não nos juntamos com movimentos falsos das colónias portuguesas, nós não nos juntamos com movimentos que não avançam e se entregam aos imperialistas, porque não queremos um novo tipo de dominação da nossa terra. Juntamo-nos com aqueles que a nossa análise nos mostrou que são puros e têm a intenção de lutar como deve ser, e até hoje não nos podemos arrepender disso. Isso, camaradas, é um dos elementos essenciais da nossa resistência política, a nossa unidade, a nossa camaradagem, a nossa colaboração, a nossa ligação íntima com os movimentos de libertação em Angola, Moçambique e S. Tomé.

Nós mesmos, como PAIGC, trabalhámos muito para a unidade dos movimentos em Moçambique, para a criação da FRELIMO. Mas nós mesmos, PAIGC, ajudámos a formar o MPLA em Angola. Não é nenhuma vaidade, não, publicamente mesmo é sabido, os filhos de Angola sabem-no. Para servir os interesses do nosso povo, camaradas. Nós mesmos corremos riscos em Angola, em reuniões clandestinas. No momento em que vários angolanos estavam já presos pela PIDE. Foi preciso ir a Angola fazer reuniões. Arranjamos contrato como agrónomo e fomos para Angola e aproveitamos para reunir camaradas, para discutir com eles o novo caminho que devíamos seguir todos na luta pelas nossas terras. Debaixo do controle da PIDE, camaradas. E depois de outros trabalhos que já tínhamos feito em Angola. Para quê? Para servir o povo da Guiné e Cabo Verde, camaradas. Nós não tínhamos a mania de servir o povo de Angola, porque os próprios filhos de Angola servem bem o povo de Angola, embora nós, na nossa consciência de homens, tan-

to fazia para nós servir em Angola, como servir em Moçambique, como servir na Guiné ou Cabo Verde. E só é verdadeiramente um membro consciente do nosso Partido aquele que é capaz de servir em qualquer terra combatendo o mesmo inimigo. Sempre defendemos com a maior força a necessidade de união entre nós, movimentos das colónias portuguesas. E felizmente, depois de todas as dificuldades, de todos os problemas, hoje estamos todos de acordo e isso é muito importante. Mais uma vitória grande contra o colonialismo português, camaradas.

E nós preparámo-nos juntos, para realizar aquele sonho do nosso Partido que é pôr todos os estudantes das colónias portuguesas numa organização só. Isso será uma outra grande vitória no plano da nossa resistência política, porque também no meio dos estudantes os inimigos do nosso povo, de hoje ou de amanhã, procuram conquistar gente para atrapalharem a vida do nosso povo.

No quadro da nossa resistência política fora da nossa terra, reforçamos cada dia mais, desenvolvemos e reforçamos as nossas relações com a África. Em primeiro lugar, lutámos com coragem grande, em Conakry, por exemplo, para conquistarmos a amizade, a estima e a solidariedade da República da Guiné. Esse foi um aspecto fundamental da nossa resistência política camaradas. E essa conquista foi talvez, naquela fase da nossa luta, a maior vitória do nosso Partido, mais transcendente, quer dizer, com mais consequências, para além mesmo do que muitos podem imaginar. Fizemos esforços e tivemos paciência, determinação, persistência, para conquistar o povo do Senegal, apesar de toda a resistência do Senegal, apesar de

toda a negação do Senegal, apesar do Senegal ter criado «movimentos» contra o nosso Partido. E depois de tantos anos de trabalho, chegámos a um acordo com o Governo do Senegal. Grande vitória no quadro da nossa resistência política e que temos que reforçar cada dia mais. Já a um nível diferente, porque hoje a situação é diferente.

e) REFORÇAR A AMIZADE COM OS ESTADOS E OS MOVIMENTOS AFRICANOS

Temos procurado, no quadro da África, na medida das nossas possibilidades, claro, na medida em que temos tempo e os nossos quadros podem, reforçar a amizade com outros Estados africanos independentes. Conquistámos uma amizade profunda de alguns chefes de Estado da África pelo nosso Partido. Não podemos esquecer a amizade profunda que nos liga à Argélia, à República Árabe Unida, com a Tanzânia, com o Congo Brazzaville, para citar alguns. Procuramos desenvolver amizades com a Costa do Marfim, com a Tunísia, e o nosso Partido está decidido ainda a avançar mais nesse campo, com todos os Estados independentes da África. Esse é um trabalho importante para a nossa resistência política.

E nós conseguimos, através do nosso valor, do nosso trabalho, das vitórias da nossa resistência e trabalho, conquistar os povos da África inteira no quadro da OUA e impôr-nos, quer dizer, o nosso Partido, o nosso povo, como primeiro movimento de libertação da África. Grande vitória no plano político, camaradas, no plano da nossa resistência política. E trabalhámos sempre para reforçar a nossa amizade e a nossa colaboração, com todos os outros movimentos de libertação da África. Unidade grande, confiança grande, com

os movimentos da África do Sul, que lutam contra o racismo colonialista. Movimentos da Rodésia, do Sudoeste Africano, e antes de serem independentes da Zâmbia e do Kênia. Trabalho de persistência para arranjarmos amizade com eles, mas sempre conscientes, sem oportunismo, sabendo escolher com quem devemos ter amizades. Porque quem não sabe escolher as suas amizades como deve ser, na base dum critério, dum princípio que se respeita, escolhe companheiros de ma-landrice e não amigos.

c) CONQUISTAR A CONFIANÇA DAS FORÇAS PROGRESSISTAS E PRINCIPALMENTE DA COMUNIDADE SOCIALISTA

E no nosso Partido, uma das melhores vitórias da nossa resistência política, foi, através dum trabalho intenso de vários anos, mostrar o valor da nossa luta às forças progressistas do mundo inteiro, principalmente à comunidade socialista. Mostrar-lhes o valor do nosso trabalho, a seriedade do nosso Partido, enquanto conquistávamos a sua confiança, a sua consideração e mais, a sua admiração, a ponto de serem, a partir daquela consciência política, a partir das vitórias que tivemos na nossa resistência política, grandes amigos, que ajudam a nossa luta.

Mesmo em relação aos países aliados de Portugal o nosso Partido tem sabido fazer resistência política. Nunca nós saímos pelo mundo fora, com a mania de que estamos a combater contra todos os países capitalistas. Nunca fizemos isso, nós combatemos o colonialismo português, esse é que é o nosso trabalho.

Pusemos claro o problema, tanto aos americanos, como aos alemães, ingleses, aos franceses,

dissemos-lhes que não é contra eles que estamos a lutar, é contra o colonialismo português. E se mais não conseguimos deles ou se nada conseguimos deles, a culpa não é do nosso Partido, não, a culpa é deles mesmo, porque têm os seus compromissos com os colonialistas portugueses porque têm os seus interesses imperialistas, que são maiores que os interesses humanos que podiam ter pela nossa luta.

Mas mesmo assim temos conseguido vitórias. Algumas vezes já vimos países ocidentais absterem-se, não votarem nem contra nem a favor de Portugal. Isso já é uma grande vitória para nós, camaradas. Grande vitória. Conseguimos, por exemplo, ir a alguns países e fazer conferências de imprensa, pôr os nossos problemas, e conseguimos, sobretudo, o apoio das forças anti-colonialistas desses países. Isso é importante, camaradas. Tanto na América, como na Inglaterra, na Itália, na França, etc., as forças progressistas de facto, têm uma grande admiração pelo PAIGC, camaradas. Só quem não conhece as nossas relações e toda a correspondência que recebemos, não sabe isso.

Mas últimamente obtivemos uma grande vitória. Um país ocidental que tem tratado com Portugal, no quadro do comércio, se pôs inteiramente do nosso lado: a Suécia. E hoje ajuda-nos, com força. E este ano vamos começar a receber essa ajuda, não em dinheiro, mas em mercadorias, em medicamentos, em artigos escolares. Para ajudar o nosso povo no plano económico e no plano cultural. Camaradas, isso é uma vitória para nós e a abertura de uma grande brecha, nas alianças de Portugal. Portugal colonialista está tão consciente disso, que ficou furioso.

A União Soviética ajudou-nos, mas Portugal não ficou tão furioso, protestou, mas não muito, porque ele sabia que não podia ser doutra maneira. Com a China, com Cuba, aconteceu o mesmo. Portugal tem relações diplomáticas com Cuba, mas não cortou relações com Cuba. Sabe que recebemos armas de Cuba, e outras coisas. sabe que há médicos cubanos que nos ajudam, sabe que isso muito bem. Não é agora, que eles apanharam um cubano, que sabem isso. Mas não fizeram muito barulho, não ficaram tão furiosos como ficaram com a Suécia.

A Suécia acabou de dizer que nos ajuda, e os tugas ficaram logo furiosos, chamaram o seu embaixador, cortaram as relações comerciais, puseram gente na rua a manifestar, impediram os trabalhadores do porto de descarregar os barcos succos. Porque sabem a força que isso representa para nós. Sabem que isso é uma brecha nos seus aliados ocidentais. Eles sabem que isso pode ser um exemplo para as forças progressistas, por exemplo, da América, da Inglaterra, da França, que podem levantar-se e decidir pedir aos seus governantes para ajudar os movimentos de libertação da África. Eles têm medo desse precedente, camaradas. Isso pode dar-vos ideia da vitória grande que realizámos este ano no nosso Partido, no trabalho da nossa resistência política no plano internacional.

Em resumo, camaradas, a nossa resistência política deve orientar-se nestes três pontos fundamentais: realizar a união nacional na nossa terra e pô-la inteiramente ao serviço da nossa luta, ao serviço do nosso povo, debaixo da bandeira do nosso Partido; isolar o inimigo cada vez mais de todos os seus aliados, de todos os seus companhei-

de todos aqueles que podem dar-lhe algum apoio no mundo e conquistar cada dia mais aliados, mais apoio para a nossa luta, sem faltar aos nossos princípios. E, orientar a luta de tal maneira, trabalhar tão bem, que nunca devemos esquecer que a nossa luta é fundamentalmente política, e que temos que assegurar a vitória da nossa resistência política.

2. Resistência Económica

Ontem na nossa sessão da tarde tratamos da nossa resistência como resposta à dominação colonial portuguesa na Guiné e Cabo Verde e mostramos aos camaradas o que isso quer dizer, quais os aspectos principais da nossa resistência e como é que, desde o começo da luta até hoje, o Partido tem seguido uma linha certa para responder à necessidade da resistência de acordo com a situação concreta da nossa terra.

Falámos ontem sobre a resistência política, e vimos que, além da resistência política, há a resistência económica, a resistência cultural e a resistência armada. Qualquer destas resistências existe na nossa terra, desde que começamos a nossa luta, cada dia mais desenvolvida; mesmo que muitos dos nossos camaradas não tenham consciência disso.

Hoje vamos falar um bocado sobre um outro aspecto de resistência importante, que é a resistência económica.

Como os camaradas sabem, a nossa luta é uma

luta política, porque nós procuramos conquistar os nossos direitos de povo que deve ser livre, soberano, quer dizer que manda em si mesmo, conquistar a independência nacional da nossa terra. Mas no fundo dessa verdade há outra verdade que é o seguinte: O colonialismo é primeiro uma dominação económica. Colonialismo ou dominação imperialista é buscar em primeiro lugar dominar outros povos economicamente. Para isso ele acrescenta uma dominação política, ele prolonga as forças do Estado imperialista ou colonial para a terra que quer dominar economicamente. Por isso mesmo devemos dizer que o primeiro objectivo, no fundo, da nossa resistência e da nossa luta é libertar a nossa terra economicamente, embora antes tenhamos que passar pela libertação política.

Quer dizer uma terra só é libertada de verdade, se se conseguir tirar toda a dominação estrangeira sobre a economia do país, se conseguirmos de facto libertar a economia do país, de toda a exploração estrangeira. Esta é que é a liberdade duma terra que era dominada por colonialistas. Isso quer dizer, que cada terra tem as suas riquezas naturais e a sua população, que é a maior riqueza duma terra. A população, na medida em que desenvolve a sua capacidade de trabalho, de produção, das suas riquezas naturais já reais ou em potência, e os meios para produzir. Tudo isso na época dos colonialistas ou da dominação imperialista, está submetido à dominação imperialista, não está livre, não se desenvolve livremente. Conquistar a independência de facto é poder desenvolver livremente aquele conjunto de coisas chamadas as *forças produtivas* duma terra. Portanto vocês vêem que, no fundo, a nossa resistência é para resolver um problema económico,

embora tenha que passar pelo político e o político é sempre muito importante. Esta é a grande importância da nossa resistência económica.

Toda a luta, como eu vos disse, e principalmente a nossa luta de libertação, tem dois aspectos que devem estar sempre juntos: destruir, construir. Na resistência política, vimos isso claro, temos que destruir o Estado português, temos que destruir as ideias políticas que os tugs colonialistas puseram na cabeça da nossa gente, temos que, mais longe ainda, destruir as concepções políticas erradas (ou ultrapassá-las já) que possam existir na cabeça da nossa gente, da nossa população, nas classes da nossa terra, nos grupos étnicos da nossa terra, e que podem ser prejudiciais para o avanço do nosso povo no caminho de progresso.

Temos que construir um Estado novo na nossa terra, baseado na liberdade do nosso povo, na democracia, no trabalho para o progresso. Temos que construir a consciência nacional do nosso povo, desenvolver cada dia mais a consciência política da nossa população, temos que construir todos os meios políticos, organismos políticos, organizações políticas necessárias, para defender aquela conquista da nossa libertação nacional.

Destruição da exploração do nosso povo

A resistência económica também é destruir, construir. O nosso objectivo na resistência económica, é destruir a exploração do nosso povo pelos colonialistas portugueses. Quer dizer, a nossa luta desde o começo tinha que ser orientada no caminho de parar completamente com a exploração na nossa terra pelo regime colonial português. Sabemos que na nossa terra a exploração fazia-se prin-

principalmente através da compra quase forçada de produtos de agricultura do nosso povo na Guiné, a preços estabelecidos por comerciantes do Estado colonialista. Principalmente através da obrigação de cultivar a mancarra na nossa terra, que era comprada por um preço estabelecido pelos tugas, explorando o nosso povo, a ponto de que se fizermos cálculos económicos sérios em relação à cultura da mancarra, chegamos à conclusão de que é trabalho forçado. Porque uma família que cultivava uma superfície qualquer de mancarra, a mancarra que colhe, que vende, o dinheiro que recebe no fim, não chega para pagar um salário, mesmo baixo, às pessoas de família, durante um ano de trabalho. Quer dizer, chegamos à conclusão por exemplo, de que, a nossa gente trabalhava de graça para a casa Gouvêa, Ultramarina e outros comerciantes que compravam mancarra, porque o dinheiro que ganhava com essa mancarra, é certo que lhe dá para pagar imposto de família, para arranjar uns panos para a mulher, para comprar uma coisinha mais, mas se se fizessem as contas como deve ser, na exploração agrícola, vemos que isso não paga o preço do custo daquela mancarra, incluindo salários e outras despesas que se tem que fazer. Ora isto é que nós queremos destruir. Tínhamos que destruir isso, tínhamos que destruir essas relações de exploração económica dos colonialistas sobre o nosso povo. E tínhamos também que destruir outras bases de exploração económica, embora tenha tomado ares de Administrativo, que é por exemplo, o pagamento de impostos injustos e de vários tipos de imposto pelo nosso povo, ao Estado colonial português.

Em Cabo Verde o nosso objectivo é destruir principalmente a exploração do nosso povo pelo regi-

me de grandes propriedades que não dá terras ao nosso povo. O nosso povo tem que ser rendeiro, quer ele produza ou não, tem que pagar a renda, vivendo na miséria, submetido à fome e sujeito a ser até vendido ou contratado como trabalhador forçado para outras colónias. Devemos destruir isso.

Na Guiné já conseguimos destruir muito, ainda há dias por exemplo, Rádio Bissau anunciou que chegou ao porto um barco grego que levou 3 mil toneladas de arroz. Vemos portanto nisso já um bocado da destruição do regime colonial, porque, como sabemos, a nossa gente era praticamente forçada a vender o arroz produzido pelo nosso povo à Ultramarina, para ser descascado e vendido à população. Mas os tugas, agora, têm que importar arroz. No ano passado importaram mais de dez mil toneladas de arroz só do Brasil, este ano já receberam três mil. E quem segue a estatística oficial vê que a exportação da mancarra baixou muito. Praticamente na nossa terra, hoje não há exportação. Os barcos vêm com material de guerra, ou com víveres para a tropa ou com mercadorias para as cidades, e regressam quase vazios. Regressam principalmente com sucatas de camiões, e outros materiais que os nossos combatentes destroem.

Destruímos, portanto, em grande parte já, e temos que destruir tudo, completamente, o sistema económico colonial português na nossa terra. Para construirmos o quê? Desde já temos que começar a construir a nossa própria economia. E começamos desde há já alguns anos para cá porque lutar é muito bom, no plano político, no plano militar, mas um povo não pode lutar a sério se não tiver a barriga farta e boa saúde. Isso tam-

bém é uma forma de resistência. Para resistir de facto, sem comida, não é possível, sem saúde não é possível. Por isso mesmo, temos que desenvolver a nossa economia, ver a melhor maneira de fazer avançar a nossa economia, mesmo durante a luta, garantir o mínimo de condições para podermos garantir ao nosso povo meios de vida, meios de vida para os nossos combatentes e temos que fazer força mesmo, para melhorar pouco a pouco as condições do nosso povo, para ele sentir que vale de facto a pena sacrificar-se na luta para a independência da nossa terra, debaixo da bandeira do nosso Partido.

Na medida em que o nosso Partido for capaz, sem que nós militantes, responsáveis, combatentes, dirigentes, formos capazes de melhorar a pouco e pouco as condições de vida da nossa terra, mostrar claro que a miséria pode acabar, e sobretudo convencer cada um na sua consciência de que hoje há miséria, amanhã a miséria vai acabar na nossa terra — e que isso depende do nosso próprio trabalho — estamos a avançar na nossa luta. Porque aquele que fia hoje, embora não tenha quase nada, que, se trabalhar bem, amanhã terá, esse já não é um miserável, é rico, porque fia e sabe que o caminho está aberto. Temos que fazer isso no máximo, porque nós sabemos que cada homem que está na situação de miséria, é uma presa fácil, é muito fácil ser apanhado pelo inimigo, contra o interesse do nosso povo. Basta lembrarmos por exemplo, que se fizemos uma proporção entre o seguinte: que gente é que serve mais ao tuga na nossa terra? Entre gente que tinha meios ou gente que não tinha meios. Onde é que há mais servidores dos tugas? Vemos que é entre aqueles que tinham menos meios, que há

mais servidores dos tugas. Em Bissau mesmo, vemos que é entre desempregados, vadios, etc., que os tugas recrutaram muitos dos seus agentes para a PIDE.

Diante da nossa necessidade de resistência económica, temos que pôr claro uma pergunta: que é que o inimigo faz para destruir a nossa resistência económica? O inimigo não está a lutar contra nós só com armas, também está a lutar economicamente contra nós. Por um lado, nos locais onde ele ainda manda, está a fazer grande luta para o desenvolvimento económico, dizendo que a vida vai melhorar, dando emprego às pessoas para ver se a vida de facto melhora, procurando fazer bolanhas, arranjar mercadorias etc.. Por exemplo toda a gente sabe, em Cabo Verde, as mercadorias e, coisas boas que lá chegam agora, são mais do que nunca. Isso é para evitar que continue aquela falta que costuma haver para alimentar revoltas. Mesmo na Guiné, hoje, várias coisas que os tugas nos compravam a nós, por exemplo arroz, compra agora por preços muito mais elevados. Isso para liquidar a nossa resistência económica. Faz propaganda que está a fazer grandes bolanhas na área de Tite, a ilha de Bissau está quase toda transformada em bolanhas, e está a ver a melhor maneira, portanto, de levantar economicamente o ambiente em que ainda manda para garantir às pessoas que a vida está a melhorar e que não é preciso juntarem-se àqueles que estão a lutar.

Por outro lado o tuga faz força para destruir completamente a economia que nos serve de base para a nossa luta. Bombardeamentos, napalm, assaltos com helicópteros para aterrorizar a população, para a população abandonar o nosso país

mesmo para o Senegal ou para a República da Guiné. Para os tugas é melhor, porque assim essa população não trabalha nas nossas áreas libertadas, para nos dar aqueles meios necessários para aguentarmos economicamente a luta. Mas se isso não chega, se a população se esconde bem, não aceitando o que ele deseja, então queimam as nossas colheitas e as nossas tabancas, destroem tudo, matam as nossas vacas, qualquer bicho que vêm a mexer, matam-no. E como criminosos que são, matam a nossa população, crianças, mulheres, velhos, quanto mais homens válidos. Tudo isso, não é só por causa da guerra, não, é para destruir, para acabar com a nossa resistência económica, porque os tugas sabem, como nós, que se não tivermos uma economia, se não tivermos meios económicos dentro da nossa terra, para aguentarmos a luta, se não tivermos comida, possibilidade de termos comida para o nosso povo e para os nossos combatentes, não pode haver guerra, não pode haver luta, camaradas.

O inimigo, portanto, faz tudo o que pode, e mesmo em relação a medicamentos e outras coisas, tecidos, que arranjamos para a nossa gente, para os Armazéns do Povo, para os hospitais, etc., ele faz força para acabar com isso, para destruir. Uma das grandes derrotas do inimigo no plano económico é o facto de termos conseguido instalar, nalgumas áreas, armazéns do povo, levar tecidos, calçado, e outras coisas de que o nosso povo precisa. O desejo dos tugas é descobrir isso para queimar o mais depressa possível. Porque ele sabe que isso é uma força económica nossa e traduz-se sempre numa nova força política no quadro da nossa luta.

Para evitar a nossa resistência económica, os

tugas estão dispostos a queimar completamente a nossa terra, se for preciso, a fazer a política da terra queimada, a reduzir tudo a cinzas, só para não ganharmos a nossa luta. Temos portanto, que estar vigilantes em relação a isso e temos que saber bem o que devemos fazer, diante dessa intenção criminosa dos tugas, da qual ele tem dado provas nalgumas áreas da nossa terra. Temos que lutar economicamente a sério.

Programa para a nossa resistência económica

Por isso, desde o começo, o nosso Partido tem pensado e tem procurado fazer um programa para a nossa resistência económica. Claro que temos que adaptá-lo às nossas condições, da melhor maneira. E devemos mobilizar todas as nossas forças para a nossa resistência económica, sobretudo as forças da nossa população, dos nossos militantes nas tabancas, nas nossas áreas libertadas. Ao mesmo tempo, devemos reforçar cada dia mais a destruição da economia colonial do nosso inimigo, enquanto nós devemos fazer planos seguros para aumentar a nossa produção, tanto a produção agrícola, como o artesanato e outras coisas da nossa terra. Devemos procurar destruir os meios económicos do inimigo, os seus carros, as suas fábricas, os seus depósitos, os seus armazéns, os seus barcos, as suas estradas, para cortar completamente a sua exploração económica na nossa terra.

Os camaradas viram que nós começámos mesmo com a sabotagem de estradas, pontes e tudo o mais. Esse foi o primeiro acto de resistência económica, que também é política e militar, que nós fizemos contra o inimigo colonialista. E, mesmo

nós, numa área dada, se o inimigo estiver instalado de tal maneira, que só se nós queimarmos tudo é que poderemos fazê-lo sair, temos o direito de o fazer, porque a terra é nossa. É preferível queimarmos uma área completamente para tirar os tucas e depois trabalharmos para a reconstruirmos, do que não lhe tocarmos e os tucas ficarem lá eternamente dominando o nosso povo. Temos que ter consciência disso, embora na nossa luta tenhamos que estabelecer táticas de tal maneira, que possamos reduzir ao mínimo a necessidade de destruir as coisas que, embora sob a dominação colonial, foi o nosso povo quem as fez.

Essa tem sido aliás, a política do nosso Partido. Devemos compreender no trabalho do nosso Partido, a necessidade grande de destruir todos os meios de abastecimento dos tucas. Foi por isso que nós insistimos tanto nos ataques aos barcos nos rios, ataques aos camiões nas estradas, porque os barcos e os camiões abastecem a guerra, mas também servem a economia do inimigo. Na medida em que atacamos barcos e camiões atacamos o inimigo, tanto do ponto de vista militar como, o que é muito importante, do ponto de vista económico. Devemos fazer o possível na nossa terra, na nossa luta, como temos tentado, mas devemos reforçar cada dia mais, por levantar a nossa economia mesmo com a guerra, mas levantá-la para melhorarmos as condições de vida na nossa terra e devemos fazer o máximo de força que pudermos, para cada dia dependermos menos das coisas que vêm de fora da nossa terra, quer dizer, para procurarmos bastar-nos a nós mesmos.

O Partido deu palavras de ordem importantes, no sentido de desenvolvermos a nossa agricultura, de melhorarmos a nossa produção, aumentar a

produção da agricultura, fazer outras coisas como obras de artesanato, mesmo passar a fazer mais sabão dentro da nossa terra, procurar desenvolver todas as indústrias caseiras da nossa população. Tudo isso está nas palavras de ordem do nosso Partido. Para quê? Para vermos se nos bastamos a nós mesmos. Claro que a nossa terra tem condições especiais, infelizmente, que limitam muito as possibilidades do nosso trabalho nesse campo. A nossa terra estava economicamente muito atrasada, muito atrasada para podermos aplicar com bastante sucesso esses princípios fundamentais de resistência económica, mas não é razão para não fazermos o máximo que pudermos. Não podemos pretender, por exemplo, bastar-nos em matéria de tecidos, que o nosso povo estava habituado a comprar, sapatos, colares, suponhamos, agulhas, máquinas de costura, etc., etc., coisas que fazem parte das primeiras necessidades criadas no nosso povo já por todo este tempo de colonialismo. Não podemos porque na nossa terra não há fábricas para produzir essas coisas.

Há muitas culturas agrícolas que nunca se fizeram e não é no meio desta guerra que as podemos fazer rapidamente. Mas devíamos ser capazes de começar a fazer algumas delas. Não podemos pretender abastecer-nos por nós mesmos em matéria de medicamentos, mesmo de medicamentos simples, mas há coisas que podemos fazer de facto. Aumentar a produção de arroz, aumentar a produção da mandioca, da batata, de outros produtos alimentares, garantir a produção em todas as áreas da nossa terra que nós controlamos, por exemplo. Aumentar a produção em grande. Isso podemos fazer e, nas nossas condições de luta é uma

base fundamental para a nossa resistência económica.

Devemos também procurar, já vos falei disso, desenvolver o nosso artesanato: potes, esteiras, panos, bandas, etc.. O nosso Partido trabalhou um bocado nesse campo, mas não conseguiu fazer o que queria. Porque no meio da guerra, nas condições da nossa terra, alguns responsáveis do Partido esqueceram as palavras de ordem nesse campo — desenvolver a produção, aumentar a produção, multiplicar ou diversificar, variar os produtos agrícolas na nossa terra. Claro que conseguimos alguns sucessos, houve áreas em que a produção de arroz aumentou muito, já temos áreas em que se produz mais mandioca do que antes, mais batata do que antes, mas devemos reconhecer que está longe de ser aquilo que podia ser. Se é verdade que nalgumas áreas, como em Quínara por exemplo, antes, algumas populações que não cultivavam, hoje cultivam, também é verdade que noutras áreas em que a população cultivava muito, passou a cultivar menos, por causa da guerra. É um golpe grande na nossa resistência económica foi, e continua a ser, a saída de grande número de gente da nossa terra, para o Senegal. É um golpe na nossa resistência económica, porque toda essa gente são braços capazes de trabalhar nas condições das nossas regiões libertadas e que vão trabalhar no Senegal, aumentando a economia do Senegal e diminuindo a nossa economia para uma resistência económica diante dos colonialistas portugueses.

Devemos dizer claro, que alguns dirigentes e responsáveis do Partido, a todos os níveis, não têm dado aquela importância devida à nossa resistência económica. Sempre dissemos que é neces-

sário não só o povo trabalhar, a população trabalhar para produzir, mas os combatentes também devem trabalhar para produzir. Devemos mobilizar todas as forças na época das chuvas para a população trabalhar mais, para os combatentes cultivarem, para os milicianos cultivarem. Nalgumas áreas foi possível, mas noutras áreas devemos reconhecer que, mesmo os combatentes que não têm muito trabalho a fazer, porque as áreas estão livres, não cultivam, esperando apenas que a população lhes dê de comer. E hoje nalgumas áreas, chegamos a um ponto, em que por causa da falta de chuvas no ano passado, por exemplo, a população não pôde dar comida, os combatentes não cultivaram nada, e têm que pedir à direcção do Partido para lhes mandar comida.

Devemos dizer claro aos camaradas que, se temos que alimentar os combatentes no fundo do mato da nossa terra, para podermos lutar contra os colonialistas portugueses, então os colonialistas portugueses ficam na nossa terra mais cem anos. Isso seria o resultado, sobretudo, da falta de camaradas responsáveis, que não foram capazes de pôr os combatentes a lavrar, na altura em que era preciso lavrar. Há até combatentes que nem sequer ajudam a população, como dissemos que deviam ajudar.

No plano da nossa resistência económica, devemos orientar o nosso trabalho de maneira a garantir a economia de guerra, para podermos garantir o abastecimento das frentes de luta, o abastecimento dos nossos combatentes e o abastecimento do nosso povo, em artigos de primeira necessidade. Infelizmente temos grandes dificuldades em conseguir artigos de primeira necessidade, porque não temos dinheiro bastante e, nas condições

da nossa terra, em que destruimos pontes, estradas, etc. e não temos carros, nem é possível usar carros hoje em dia, não podemos estabelecer comércio exterior que nos permita comprar coisas com o produto daquilo que vendemos fora. Por isso, o abastecimento da nossa população em artigos de primeira necessidade, depende fundamentalmente dos dons ou donativos que os nossos amigos e aliados nos mandam para isso. Devemos ao mesmo tempo, tentar, como vos disse, desenvolver cada dia mais, o respeito por aqueles que trabalham, elevar bem alto o valor do trabalho, convencer os filhos da nossa terra de que o trabalho da terra não deve ser desprezado, pelo contrário, é o trabalho mais puro, mais sã, de maior valor na nossa terra, hoje em dia. Infelizmente na nossa cabeça de Africanos, ainda trabalhar, é uma coisa que não vale muito, sobretudo então, lavar a terra — quem lava a terra só tira coisas para comer, porque é trabalho de desgraçados. Mas nós temos que ser capazes, no quadro da nossa resistência económica de fazer um trabalho político grande, para convencer o nosso povo, a nossa população, a cada um de nós, cada dia mais de que lavar a terra, cultivar plantas, não é só para comer, mas para podermos ter muitos produtos para exportar, vender, transformar noutros produtos — é o trabalho mais importante, mais digno, mais elevado da nossa terra, seja na Guiné seja em Cabo Verde, camaradas.

Temos que ser capazes, hoje, mas amanhã sobretudo no quadro da nossa resistência económica, de levar todas as camadas sociais da nossa terra a produzir cada vez mais e levar cada grupo étnico na Guiné, cada raça, como costumamos dizer, a multiplicar os produtos que produz. Não

podemos permitir que uma etnia da nossa terra produza só arroz; tem que produzir arroz, milho, feijão, mancarra, etc., incluindo hortaliças e outras coisas mais, porque é preciso melhorar o nível alimentar do nosso povo. Toda a população da nossa terra pode produzir tudo e temos que fazer isso e desenvolver em todo o lado todos os tipos de cultura para melhorar o nível de produção do nosso povo. E a pouco e pouco, temos que estimular, quer dizer, entusiasmar, dar coragem áqueles que têm mais valor, para produzirem cada vez mais. Devemos cultivar a nossa amizade, o nosso carinho, a nossa dedicação, para com aqueles filhos da nossa terra que vemos que cultivam as suas bolanhas com entusiasmo, com dedicação e devemos levantar o seu nome bem alto, dá-los como exemplo a outros filhos da nossa terra.

Temos que estabelecer a pouco e pouco toda a uma maneira de resolver o problema dos pequenos agricultores da nossa terra amanhã, porque a nossa terra pelo seu atraso, nem verdadeiramente pequenos agricultores chega a ter, na Guiné. Em Cabo Verde, o problema é diferente, porque os pequenos agricultores são muitos, não tanto como era de desejar, porque a maioria são rendeiros ou parceiros. O problema é fundamentalmente o de levar as pessoas a trabalharem juntas nessas condições. Na Guiné, a pouco e pouco, temos que ser capazes de criar cooperativas, aumentando, em primeiro lugar, a cooperação entre famílias, e procurando amanhã os melhores militantes para pegarem nas cooperativas em conjunto, para desenvolverem o sistema cooperativo, que, quanto à nossa ideia, é o caminho mais curto para desenvolvermos a nossa agricultura e a nossa economia dentro da nossa terra amanhã.

É desde já, devemos começar com experiências em relação às propriedades que eram do Estado colonial. Por isso o nosso Partido deu ordens para que aquelas granjas ou hortas deixadas pelo inimigo ou por aqueles que fugiram da guerra, na nossa terra, deviam ser dirigidas pelo nosso Partido, por Comitês nomeados pelo Partido para os gerir. Devemos confessar que, na maioria dos casos, os nossos responsáveis, os nossos camaradas, não ligaram tanta importância como seria bom ligar a esses trabalhos, a essas palavras de ordem do Partido e até hoje, de grande parte dessas granjas e hortas, não se tirou o rendimento que era possível tirar, nem as puseram nas condições que era preciso pôr. Algumas delas estão abandonadas, cheias de palha, as plantas desapareceram, estragaram-se, além daquelas em que os próprios tucas vieram com as suas bombas, bombardearam, destruindo as nossas árvores de fruto e outras coisas que lá havia.

Agricultura aspecto principal da nossa resistência económica

Temos que pôr claro na nossa cabeça, no quadro da nossa luta, qual é o aspecto principal da nossa resistência económica. No caso concreto da nossa terra todos vocês sabem já, é a agricultura, não temos mais nada na nossa terra. É agricultura hoje, agricultura amanhã e ainda agricultura talvez mais tarde. Desde já temos que fazer o máximo esforço para avançarmos com a nossa agricultura, elevando a consciência política dos nossos camaradas agricultores, dos nossos patriotas lavradores, mostrando-lhes que o caminho da agricultura é o primeiro caminho para o suces-

so e para o avanço do nosso povo, desde já. Mas também é o caminho que pode abrir ao nosso povo a oportunidade para desenvolver a indústria amanhã, para criar uma situação de vida mais elevada, mas temos em primeiro lugar que tirar o rendimento devido da nossa agricultura, que que até hoje é uma agricultura atrasada no meio da nossa vida africana, agricultura simplesmente de subsistência, cada um produz apenas aquilo que é necessário para a sua família comer, agricultura sem poupança nenhuma, sem se poder guardar para amanhã, às vezes mesmo nem guardar o necessário para as sementeiras. E no quadro colonial a agricultura puramente para a economia de troca, com os tucas, explorando eles o nosso povo. Produzir mancarra, colher coconote, cêra, mel, para trocar com os tucas ou vender o arroz da sua produção e é tudo. Come-se o dinheiro e todos os anos, filhos da nossa terra, lavradores, em cada começo do ano estão na mesma situação de desgraça, não avançam nada. Esta é que é a característica da nossa agricultura.

Noutras terras, certas pessoas diziam que a agricultura era a arte de se tornar pobre, mas alegremente, sem cuidados. Na nossa terra talvez a agricultura seja a arte de ficar pobre para toda a vida, se de facto não mudarmos o tipo de agricultura na nossa terra, se não fizermos uma verdadeira revolução no plano agrícola na nossa terra, que tem condições muito boas para agricultura, tanto na Guiné como em Cabo Verde apesar de haver períodos de seca em Cabo Verde, o que não é razão nenhuma para desastre na agricultura na nossa época, com tantas conquistas da ciência de hoje e que devem estar à disposição de todos os homens do mundo.

Só depois de avançarmos bem de facto com a nossa agricultura, é que podemos tirar da nossa terra um rendimento como deve ser. Temos a certeza que há terras nossas que podem produzir duas, três, quatro dez vezes mais do que aquilo que produzem hoje, se a técnica, for melhorada, se se tratar a terra como deve ser, se se seleccionar as sementes, se se cuidar das plantas como deve ser, se trabalharmos muito e bem. Muitas terras nossas, se tiverem adubos, estrumes, se se juntar a agricultura com a criação de gado como deve ser, podemos aumentar a nossa produção de maneira extraordinária e, dentro desse quadro da agricultura, a produção de gado, a criação de gado em grande, gado de raça, podemos fazê-lo, aves de capoeira, de todas as raças, podemos fazê-lo. Isso se de facto trabalharmos com vontade, se de facto nos dedicarmos muito, se cada homem se dedicar ao trabalho com vontade. Não podemos avançar na nossa terra, se criar galinhas fôr deixar as galinhas no mato e apanhá-las quando fôr preciso para comer ou vender. Isso não é criar galinhas, é colher como quem colhe tchabéu ou fole no mato.

Temos que melhorar de facto tudo isso, para podermos pensar em fazer a nossa terra avançar noutros planos. No plano da indústria, por exemplo. E devemos pôr o problema mais concreto de que tanto na Guiné como em Cabo Verde, a pecuária, quer dizer, a criação de gado, pode ser uma riqueza dum importância grande, camaradas. A Guiné no quadro africano em geral, é uma das terras que tem maior densidade de gado, mas Cabo Verde, apesar das secas e da falta de chuvas às vezes, Cabo Verde tem possibilidades ainda hoje, de exportar couros, peles tanto para Portugal

como para outros lados. Portanto, estamos a ver que, devemos desde já, orientar a nossa vida nesse caminho, de, ao lado da agricultura e exactamente para a agricultura poder avançar bem, desenvolver a nossa pecuária.

Infelizmente, devido a esta guerra, durante a nossa luta, não temos dado a devida atenção a esse trabalho, não temos controlado a nossa riqueza em gado. Grande parte da nossa riqueza em gado do Norte, passou para o Senegal com os refugiados, para grande satisfação dos nossos irmãos senegaleses. Outros passaram para a área de Kundera. Os tugas têm comido as nossas vacas de uma maneira doida, inclusive exportando as nossas vacas. Mas nós mesmos, como responsáveis e dirigentes, não temos dado a isso atenção, não temos trabalhado bem junto da nossa população, para lhes mostrarmos a importância que tem conservarmos a nossa riqueza em gado. Hoje felizmente os nossos cabritos, as nossas galinhas, os chefes de posto já não os comem quase, nem os cipaios, mas o que é que já fizemos para os conservar bem, para cuidar deles como deve ser, levando o nosso povo a cuidar melhor, a tratar melhor disso?

Os camaradas comissários políticos, da segurança, de saúde, responsáveis, nunca passam um dia pensando na nossa riqueza em gado, em geral, com excepções, claro. Deu-se o caso, por exemplo, em que um responsável nosso, porque nasceram duas crianças numa área da nossa terra onde há vacas paridas, todas paridas, escreveu-me para lhe mandar leite para as crianças que nasceram, porque não havia leite para lhes dar, enquanto é verdade, que em qualquer lado, em qualquer casa onde há vacas paridas, ele podia encontrar, conseguir lei-

te para as crianças. Mandei-lhe dizer que procurasse vacas para tirar o leite, porque eu não mandava leite nenhum. E ele conseguiu. Os camaradas não estão dispostos a pensar, a procurar ver os problemas nesse quadro, como noutros quadros, infelizmente. Só querem facilidades, mas se nós trabalhássemos bem, podíamos ter leite à vontade na nossa terra, até podíamos fazer queijo na nossa terra, nas áreas libertadas, manteiga, podíamos fazer nas áreas libertadas, porque não há dificuldade nenhuma, qualquer pessoa pode ensinar a fazer manteiga num ai.

No tempo das chuvas, por exemplo, não se pode cultivar cebolas, mas no tempo seco, agora em Novembro, qualquer unidade do exército, na sua área, num canto da sua barraca pode pôr uns terrenosinhos e cultivar cebola, alho. Basta indicar dois camaradas para vigiarem perto do rio para a regarem como deve ser, tanto no Corubal como no Candjabari, ou qualquer outro, podemos cultivar, ou perto duma fonte no sul da nossa terra, em Cubisseco, ou em Quinara, ou em qualquer banda. Mas ninguém faz isso, porque esperam que o Partido mande aquilo que é preciso. Esquecem-se que perdemos o nosso tempo, importante, para podermos fazer avançar o povo, para avançarmos nós mesmos, a nossa luta, no quadro de satisfazer as nossas necessidades.

Devemos confessar que, neste plano, o nosso Partido não tem tido grandes vitórias, fora o facto de que, nalgumas áreas, o número de bolanhas aumentou, a produção de arroz subiu um bocado e alguns produtos, como a mandioca e outros foram mais cultivados. Houve um certo sucesso no

trabalho político para levar certas populações a cultivar o que não estavam habituados a cultivar muito, mas não temos mais nenhum sucesso neste trabalho, porque os nossos responsáveis não têm ligado importância nenhuma à questão do desenvolvimento da nossa economia, na medida daquilo que podemos. Não é para a fazermos milagres, mas na medida em que podemos realmente.

Nós somos um país agrícola, devemos levar toda a gente a produzir, população, tropa, mesmo alunos das escolas, devem produzir. Demos ordens por exemplo, para cada escola ter o seu campo de produção. Rara é a escola que fez o seu campo de produção. Mas os responsáveis passam, olham e não dizem nada, os dirigentes passam, olham e não dizem nada. E o resultado é que mesmo para os internatos é preciso que mandemos arroz para comerem. Podemos perguntar: o que é que essas crianças estão lá a fazer? Que interesse há em procurar saber ler, se não são capazes de lavar um pedaço de terra? Não podemos deixar o nosso povo cair nesse vício. Queremos aprender a ler, aprender tudo, mas temos que trabalhar para nos abastecermos, porque ninguém no mundo nos vai dar comida e um povo que não é capaz de produzir a sua comida ele mesmo, não pode ter mais nada na vida.

Temos que evitar, claro, toda a espécie de luxo, de finuras e partes gajas, no tempo da nossa luta no tempo da nossa guerra. E aquele pouco que nós temos, para os nossos armazéns do povo, temos de ser capazes de o poupar como deve ser e de o distribuir com justiça para que o maior número, de gente possível possa conseguir beneficiar dessa vantagem que o nosso Partido criou.

Desenvolvimento económico na fase da independência

É desde já temos que preparar os nossos planos para a economia da nossa terra na independência. Não é só amanhã que devemos fazê-lo, é desde já, todos nós. O Partido tem que conhecer como deve ser, as possibilidades concretas da nossa terra em todos os ramos da economia e preparar com consciência e baseado na ciência mesmo, planos para o desenvolvimento da nossa terra. Se não formos capazes disso, de estabelecer concretamente qual o caminho que devemos seguir na economia para podermos avançar na nossa terra, estabelecer concretamente uma política económica para a nossa terra, então estamos a morrer, a cansar-nos, a ser feridos, a estragar a nossa vida, para nada, porque não somos capazes de tirar o rendimento necessário para fazermos avançar o nosso povo para frente, como lhe prometemos e por cima de tantos sacrifícios com esta guerra.

Devemos orientar, hoje como amanhã, o nosso trabalho no plano da nossa resistência económica neste aspecto: fazer aumentar a produção todo o tipo de produção na nossa terra, e fazer essa produção melhorar cada dia mais. Devemos ser capazes de tirar de cada pedaço de terra, o máximo que ela pode dar. Devemos fazer economia, quer dizer, aumentar o ganho e diminuir as despesas.

É uma coisa que custa muito a entender aos nossos camaradas, mesmo hoje, em que o nosso Partido praticamente não tem receita, a não ser umas colas que se vendem ou umas peles de lagarto ou crocodilo que se vendem. O Partido não tem receita praticamente, os nossos camaradas não

têm o menor cuidado, a menor atenção ao facto de que não se deve gastar muito. Tudo quanto se põe na mão de alguns camaradas é para gastar como se fosse o rio Corubal ou o rio Geba com a sua água. Vamos a gastar porque não vai parar. E mesmo coisas de importância grande para nós, como munições. Não temos sabido fazer como deve ser a economia das nossas armas, das nossas munições. Muitas armas se estragam por falta de cuidado, muitas munições se perderam por falta de cuidado e por gastos exagerados.

Mas isso, nós entendemos, é uma experiência nova, no quadro duma guerra nova na nossa terra e podemos admitir certas dificuldades e deficiências. Mas outras coisas como gasolina, medicamentos, mesmo arroz, para aquelas áreas que não dão arroz, acontece por exemplo, o seguinte, como os camaradas sabem: um grupo de combatentes tem que tomar arroz para comer, porque na área onde está, como na zona da fronteira, não há possibilidades de conseguir arroz da população. Então como temos arroz agora, damos arroz para dois meses. Aconteceu já que esse arroz foi comido em vinte dias, todo. Como é que é possível, nós que não temos receita? Temos que acabar com isso, camaradas.

Outro aspecto importante, evidentemente no quadro da nossa economia é a questão de transportes. Hoje é difícil discutirmos esse problema porque estamos em guerra, em plena guerra, e nós destruimos a economia do inimigo, destruindo estradas e seria bom que destruíssemos mesmo todas as possibilidades do inimigo se mexer nas estradas ou nos rios da nossa terra, que infelizmente ainda não destruimos tudo. Isso é bom para nós por um lado, mas também é mau para nós

por outro lado, porque a nossa economia, se a que-remos desenvolver em certas áreas, não podemos fazê-lo porque não temos estradas. Não temos tempo para alcatroar estradas, etc. Mas desde já devemos pensar este problema para amanhã na nossa terra. E temos que pensar sériamente nas vantagens que há em defender os meios de transporte fluviais, quer dizer, de rios, porque a nossa terra na Guiné, é rica nos canais, caminhos de água, para fazermos escoamento dos nossos produtos e criar novas possibilidades para isso amanhã. E ao mesmo tempo possibilidades de garantir uma ligação entre o nosso continente e as nossas Ilhas de Bijagós e Ilhas de Cabo Verde. Porque só numa terra em que as ligações são como a circulação do sangue no corpo de um homem, é que de facto essa terra pode avançar.

O sistema de transporte, de comunicações, é tão importante para um país avançar como é importante os vasos sanguíneos, as artérias, etc., no corpo de um homem. Temos que pensar nisso bastante, desde hoje, e nós este ano também pensámos nisso. Isso não quer dizer que mesmo agora não devamos fazer o possível para garantirmos os meios de transporte. O Partido tem feito o máximo para ter carros para abastecimento, barcos para abastecimento da nossa gente. Talvez nós sejamos o único caso de uma luta de libertação em que algumas áreas da nossa terra são abastecidas por barco. O nosso Partido tem sido capaz de garantir isso, apesar de todas as dificuldades, apesar de toda a falta de cuidado que os nossos camaradas têm com o nosso material. Mas dentro da nossa terra, particularmente na Guiné, onde já estamos em guerra, devemos ser capazes de garantir os meios de transporte também. Não pode ser nas estradas? Temos

muitos rios, garantamos as canoas, construamos canoas. O tuga sabe isso tão bem, que o seu trabalho grande é quebrar as nossas canoas. Mas nós devemos ser teimosos. Os tugas, em primeiro lugar não os vamos deixar quebrar as nossas canoas, vamos escondê-las, aquelas que usamos, seja para transporte do nosso material, seja para transporte de mercadorias, de pessoal, vamos usá-las, e escondê-las como deve ser. Infelizmente muitos camaradas, quando passam o rio nas canoas, deixam-nas lá onde o próprio tuga as pode apanhar e quebrar. Há mil maneiras de escondermos canoas. Mas se por azar os tugas quebrarem as canoas, devemos pôr gente a construir canoas, escolher gente que sabe trabalhar a madeira para as fazer. No Boé, por exemplo, nunca nos faltaram canoas. Porquê? Porque pusemos o Idrissa num só trabalho, fazer canoas. Mas tem acontecido nesta luta, em certas áreas em que os tugas quebram canoas, em vez dos camaradas procurarem maneira de arranjar outras canoas felizmente muitos camaradas arranjam, há casos em que nos mandam telegramas — Cabral, os tugas quebraram-nos canoa — que é que eu posso fazer, se ele é que é responsável, ele é que está lá, ele é que manda na população, ele é que manda nos combatentes, porque é que não arranja gente para fazer canoas?

Muitos camaradas pensam que temos que arranjar botes e de facto arranjam botes, mas os botes não podem resolver esse problema, porque não vamos comprar botes para pôr em todo o lado. Fizemos esforço para arranjar motores para algumas áreas, motores de fora de bordo e ainda hoje temos motores de fora de bordo. Mas a verdade é que os camaradas, nalgumas áreas, como em Qui-

láfine, por exemplo, rebentaram os motores completamente, em poucos dias. Eu mesmo saí. fui ao Ghana comprar motores novos, mas foi tudo rebentado em menos de um mês, porque os camaradas querem brincar nos motores em vez de os usarem só no momento em que é preciso. E os camaradas não ligam nenhuma importância a uma regra que é simples e é o seguinte: para usar um motor é preciso misturar a gasolina com óleo. Mas não, se não há óleo põem gasolina e vão para aí fora porque querem andar. Isso, camaradas, é a desgraça da nossa vida do ponto de vista económico. Depois dizem que não há abastecimento porque não há maneira de transportar as coisas. Não pode ser.

Outro meio de transporte que podíamos utilizar muito nesta guerra, é a bicicleta, fazer como os vietnamitas, embora a nossa terra tenha certas condições, talvez mais difíceis, mas a nossa terra parece-se muito com o Vietname. Fizemos a experiência. Pusemos camaradas a transportar coisas em bicicletas, mas espatifaram as bicicletas todas, completamente, em poucos dias. Outros até, no meio do caminho paravam, punham a bicicleta na cabeça e levavam-na assim. Porquê? Não estavam habituados, diziam. É muito difícil puxar a bicicleta, mas está provado pela experiência de outros povos, que uma bicicleta bem trabalhada, bem arranjada, com paus para sustentar a carga, pode levar 250 Kilos. Um homem não pode levar nem 20 quilos quase. Podíamos fazer o abastecimento de áreas da nossa terra, de muitas áreas, só com bicicletas. Claro que é difícil, às vezes é preciso atravessar os rios, lugares alagados, etc., é difícil, mas podemos andar com bicicletas.

Se dermos uma bicicleta a um camarada, para

ir, por exemplo, da fronteira até Cubucaré, pode ir de bicicleta, mas se for com carga, é difícil, esse é que é o problema. A bicicleta podia ser um meio magnífico na nossa terra, mas era preciso que camaradas nossos de vanguarda, camaradas de vanguarda, mais esclarecidos, dessem o exemplo nisso, pegassem duro, mostrassem que é possível. Para fazermos como o povo do Vietname que é capaz de levar cargas longe só de bicicleta, até baterem o inimigo.

Lembro-me, por exemplo, de um grande acto que os nossos camaradas cometeram no sul da nossa terra. Queríamos levar armas pesadas para Cubucaré e Tombali. Havia grande dificuldade para carregar armas de mais de 15 Kilos. Os camaradas construíram uma jangada no rio Balana e, vinham até fronteira buscar as armas e levar. Isso mostra que, quando nós queremos, quando nós decidimos de facto, somos capazes de fazer. Somos capazes de fazer grandes coisas assim. Quantas vezes já, o Rio Farim está tapado, mas os camaradas são capazes de furar e passar, porque é preciso fazê-lo, porque apareceu um camarada responsável que disse: vamos para frente, peguem "teso". Mas infelizmente, camaradas desses não são todos. São precisos mais para a responsabilidade que temos, para as necessidades que temos no caminho de fazer avançar a nossa luta.

Este problema de transporte é um problema para o qual temos que chamar a atenção dos camaradas muitas vezes. Ninguém pode pensar que a direcção do Partido vai mandar camiões para dentro da terra. Há partes da nossa terra em que já entramos com camião, mas é um facto muito especial. Têm que ser os responsáveis do Partido que devem ser capazes de resolver o problema de

transporte. É incrível, incrível por exemplo, como o Sector 2 da Frente Leste pode estar algumas vezes sem munições. Mas nenhum outro sector faz um esforço para levar-lhes munições, por exemplo, a não ser Quinara que ás vezes empresta um bocado de munições, por exemplo. Mas há dificuldades de munições, grande quantidade em certas áreas, e só há dificuldades de munições, porque os camaradas não se levantam para ir ajudar os outros a resolver esse problema. Mesmo na questão do arroz, nalgumas áreas, o arroz abunda, noutras áreas o arroz é pouco, mas levar o arroz até lá, é muito difícil, não puxam pela cabeça para arranjar uma solução para resolver isso. Ás vezes faz-se, sim, e isso é uma prova de que podemos fazer sempre, sempre, se quisermos. É uma questão de teimosia, dedicação, interesse, pensamento para transformar em acção, no caminho de servir melhor o nosso Partido.

Devemos, para avançar com a nossa luta, no quadro da resistência económica, evitar sobrecarregar demasiado o nosso povo, para ele não pensar que o nosso Partido também quer explorar.

Sempre demos aos camaradas as palavras de ordem, para não abusarem nos bens do povo, das galinhas do povo, das vacas do nosso povo. Se for ele a dar aceitamos, mas não devemos exigir-lhe nada, não devemos tomar nada á força. Nem sempre isso tem sido bem respeitado, nem sempre. Devemos estar conscientes de que aqueles que tentam explorar o nosso povo são criminosos, são favoráveis aos tugas, são inimigos do nosso povo, inimigos do nosso Partido. Para casos desses é preciso saber claramente quem é que cometeu actos contra o nosso povo para ser condenado e mesmo fusilado, se for preciso, seja chefe, ou responsável.

Os camaradas têm feito muito esforço para evitar abusos contra o povo. Os dirigentes do Partido têm feito muito esforço para evitar isso, nem todos alguns, os responsáveis têm feito esforços para evitar isso, mas temos que acabar completamente com todos os abusos na nossa terra. Temos que tirar do nosso povo a carga demasiada e temos que mostrar-lhe que nós não lhe fazemos nem nunca faremos mal.

Temos, além disso, que encorajar, procurar maneira de recompensar com elogios, com prémios, condecorações, a gente da nossa terra que produz mais. Nós queremos amanhã na nossa terra, o seguinte: que o nome das pessoas que se elogia seja só o daqueles que produzem mais. Quem produz mais arroz na nossa terra, uma pessoa uma família ou uma cooperativa, a esses é que se levanta bem alto o seu nome, com prémios, são as melhores pessoas da nossa terra. Quem produz mais mancarra, quem for capaz de produzir mais óleo de palma, etc. etc. camaradas. E devemos castigar duro, criticar duro aqueles que não trabalham para produzir o necessário dentro da nossa terra, no quadro da nossa resistência económica.

Claro que para o futuro, temos outros problemas, muito importantes, como desenvolver e estabilizar o nosso mercado, dentro da nossa terra, desenvolver o máximo a troca com outros países, estabelecer portanto, todo um sistema de comércio exterior, temos que estudar profundamente o problema de preços na nossa terra. Ás vezes nós estamos nesta luta e pensamos que é só matar os tugas, lutar, tomar a terra. Os problemas grandes estão é para frente, camaradas. Temos que saber bem quem é que vai mandar dentro da nossa terra na questão de comércio. O comércio ainda es-

tá nas mãos dos tugas, na nossa terra, mas nas mãos dos tugas ainda estão a importação e a exportação. Isso tem que ser estabelecido claramente na nossa terra amanhã. O nosso Partido tem que ser capaz de definir isso claramente, para não haver confusões. Para cortarmos desde o princípio, todas as tendências para explorar o nosso povo, amanhã.

E temos que evitar desde já, todas as ideias erradas no quadro da nossa economia. Um erro grave, que fizemos na nossa terra até hoje, é o seguinte: é que ninguém paga imposto desde que foi libertado. Isso é um erro. Nós devíamos ser capazes de, depois de libertarmos uma área como Cubaré, por exemplo, estabelecer imediatamente, qual o imposto que o povo devia pagar. Imposto, que mesmo não sendo em dinheiro, podia ser *em natureza*, como se diz, quer dizer, em produtos, para o nosso povo não perder o hábito de pagar impostos, para não pensar que quando tomarmos a nossa terra, já não vai haver impostos. Não há terra nenhuma que possa avançar sem pagar impostos. Isso foi um erro. Mas foi um erro necessário, no quadro da nossa mentalidade que não era ainda nacionalista a sério. Não tínhamos ainda a consciência nacional a sério, nós. E no quadro da nossa terra, se, ao mesmo tempo que libertámos Cubaré, cobrássemos impostos, talvez ainda a nossa população estivesse com os tugas. Por isso cometemos esse erro, mas temos que esclarecer o povo, contar-lhe claro, como temos feito sempre aliás, que não pagam impostos agora, mas amanhã terão que pagar. Grande parte do nosso povo sabe isso, entendeu bem já. Só que devemos explicar-lhe que o imposto que vai pagar amanhã não é como o dos tugas. Nem na sua base, quer dizer, no

critério, na norma que é estabelecida para o pagamento de impostos, nem na sua finalidade, quer dizer, para quê é que o imposto serve. O imposto na nossa terra, tem que servir para elevar cada vez mais o nível de vida do nosso povo, no plano económico, social, cultural.

Devemos andar sempre com planos, se quisermos de facto ganhar a nossa resistência económica, que é contra os tugas hoje e contra o subdesenvolvimento amanhã, o atraso na nossa terra, amanhã. Devemos conhecer realmente, as condições da nossa terra na Guiné e em Cabo Verde, para podermos fazer planos concretos para avançar o desenvolvimento da nossa terra. E não andar como quem entra num quarto escuro, a tropeçar em tudo, derrubando móveis, dando com a cabeça, a testa na parede, sem saber o que se está a fazer. Isso é muito importante para a nossa vitória amanhã, no plano da nossa resistência económica, camaradas. Devemos evitar desde já, como amanhã, toda a mania dos planos grandiosos, devemos fazer aquilo que é possível em cada fase da nossa vida e devemos conhecer isso bem.

Vontade e decisão no trabalho, motor do progresso

Devemos evitar, combater todos os que ficam de braços cruzados. Na nossa terra, hoje como amanhã, todo o ser válido deve trabalhar. Quem não trabalhar, não tem direito a nada na nossa terra, tem que ser assim. Quem tem valor trabalha, quem não tem valor é porque não trabalha. E os melhores são aqueles que mais trabalham. Tem que ser assim na nossa terra e deve ser assim na nossa luta. Em plena vida actual do nosso Partido, devemos fazer passar para à frente aqueles

camaradas que mais trabalham e todos devem ter a certeza do seguinte: quem trabalhou muito ontem, tem valor, passa para a frente. Quem pára de trabalhar porque já trabalhou muito ontem, não vale nada, nunca valeu nada. Eu repito sempre, no trabalho do nosso Partido cada um é como o pé de bananeira, cada ano tem que dar bananas. Não pensem que, porque deram um pé o ano passado, já chega, não. Todos são capazes de dar mais pés. A bananeira, cada pé que dá filhos tem que ser cortado, porque é preciso que dê outro pé, outra planta para dar outro filho. É assim na nossa vida e no Partido.

Ninguém pense que pode dormir à sombra daquilo que trabalhou ontem. Há vários camaradas dentro do nosso Partido, que, porque trabalharam muito na mobilização, porque trabalharam muito na primeira fase da guerrilha, porque trabalharam muito no abastecimento em certa época, porque foram bons dirigentes de guerrilha ou do Exército, etc., hoje encolhem-se, escondem-se a arranjar manhas para não trabalharem muito, passam a vida parados, escondidos numa base, ou muitas vezes mesmo fora da terra na fronteira. Não pode ser assim camaradas. Ninguém ganha nada no nosso Partido, se parar de dar cada dia mais trabalho, mais sacrifício, de mostrar mais vontade e mais decisão no trabalho.

Outra coisa grave também no nosso Partido, na nossa luta, é o seguinte: alguns camaradas que foram feridos, mesmo sendo válidos ainda, porque a maioria graças a Deus é válida (nós dizemos graças a Deus, mas também graças ao nosso Partido) de 500 camaradas feridos por exemplo, mais de 450, ou mais de 480 podem ficar válidos e voltar portanto a lutar, mas há uma tendência hoje,

camaradas, que é a seguinte: — eu sou ferido, agora faço do meu ferimento uma coisa muito grave, para parar a luta. Já cheguei a Ziguinchor, tive sorte de chegar a Conakry, não morri, feri-me um bocado, agora não luto mais.

Não, camaradas, isso é desmobilização, é deserção. Em qualquer país, onde o povo é consciente, em qualquer luta em que os combatentes são conscientes, apanhar pancada, leva a ter mais coragem, lutar com mais vontade ainda, porque não só defendem a sua causa, a que se dedicam com força, como têm que fazer o inimigo pagar o mal que lhes fez. Noutros países há combatentes com as pernas cortadas que pedem pernas especiais para avançarem outra vez para a luta. Há noutros países, comissários políticos, por exemplo, que em plena guerra são feridos num braço, o médico diz que tem que ficar seis meses para curar o braço. Eles pedem para cortar o braço, porque assim curam-se em 15 dias e podem continuar a luta. Porque um comissário político só precisa de cabeça, sem braços pode trabalhar.

Na nossa terra há comissários políticos que se têm a sorte de ferir um dedo, já é pretexto para parar, já não podem mais.

Camaradas, felizmente não é a maioria da nossa gente que é assim, não é toda a gente. Felizmente há muitos camaradas que têm balas no corpo que estão pegados teso no nosso trabalho que foram feridos mas que estão pegados teso no nosso trabalho e que às vezes, nós é que temos que os convencer para saírem da luta. Há camaradas que já se feriram três vezes, quatro vezes, que estão pegados tesos na luta, cada dia com mais entusiasmo, com mais coragem. Esses é que são donos do nosso Partido, camaradas, esses é que são os filhos

verdadeiros do nosso povo, esses é que são os donos do futuro da nossa terra, de certeza. Esses é que são os novos dirigentes e eu, em particular, digo-lhes: camaradas, vocês é que são a minha força. Alguns estão aqui sentados. Vocês é que são a força de nós todos e vocês é que justificam todos os sacrifícios que fazemos para andarmos para a frente. Camaradas que já se feriram, como por exemplo, um que não está aqui, o camarada Kemo, ferido, sem acabar de se curar ainda, há um ataque ele volta atrás para ir atacar, não é verdade camaradas? Na Europa mandámo-lo para ir tratar-se e o seu único desejo era voltar depressa. E de facto, no dia em que eu fui lá, a essa terra, para o ir ver, por acaso, ele estava no aeroporto para vir directamente para o mato, sem pedir nada, sem discutir nada. Porque há outros que, quando são feridos ou doentes, procuram logo ocasião para exigirem coisas ao Partido, como se pedissem que o Partido lhes pague. Esses camaradas que de facto não exigem nada, dando o seu sacrifício, o seu esforço, a sua energia, esses camaradas, estão a fazer não só a luta armada ou política, mas também nos ajudam grandemente na nossa resistência económica diante do inimigo que queremos destruir economicamente.

Devemos evitar de facto o esbanjamento, quer dizer, gastar coisas que podemos poupar, devemos evitar isso. Particularmente na comida mesmo por exemplo, na nossa escola, no Lar, noutros sítios, às vezes fica muita comida, muito arroz, que outras pessoas vêm buscar esses restos, para irem criar porcos. Porque nós não fazemos esforços para medir o arroz suficiente, que chega para os camaradas, para pouparmos o arroz do Partido. Camaradas que em Conakry, ou em Ziguinchor,

que usam carro, dão o máximo de voltas e mais voltas, quando é possível resolverem os seus problemas com poucas voltas. Além daqueles que tendo voltas a dar e podendo ir ao mesmo tempo, no mesmo carro, com outra pessoa, negam, até se escondem para então irem sózinhos. Não sabem que isso é só para gastar gasolina e criar problemas ao Partido.

Temos que combater na nossa resistência económica tudo o que é malandrice, roubo, corrupção, gente corrompida, que aproveita as oportunidades para roubar, tanto o dinheiro que o Partido lhe põe na mão para administrar — um Lar, ou um Internato, ou qualquer outra coisa, como tomar vacas, apanhá-las e mandar vender fora da terra, por exemplo. É uma forma de roubo também. Devemos combater isso com força, camaradas. Devemos levantar bem alto o respeito e consideração por aqueles camaradas que até hoje neste Partido, não foram capazes de fazer nada disso, pelo contrário, têm mantido o seu comportamento limpo e procuram ajudar outros a ficar limpos.

Nós, africanos, temos fama, por causa do nosso subdesenvolvimento, de que não há nenhum a quem se dá responsabilidades sobretudo de meios, dinheiro e outras coisa que não roube. E as coisas que se têm passado nos países africanos independentes de facto, metem-nos medo. Mas também coisas que se têm passado com os nossos camaradas, mesmo, alguns. Isso faz-nos medo, medo grande, camaradas. Devemos lembrar os camaradas, responsáveis e combatentes em geral, que também é furtar, quando, por exemplo, apanhamos coisas do inimigo, justamente na guerra, não falando das coisas que tomam ao nosso povo nas tabancas, isso não é justo, mas apanhar coisas do inimigo

justamente na guerra e esconder ficar com elas. Isso é roubar e começar a fazer trabalho de bandido.

Os nossos combatentes são gente honesta, séria decente, digna, os melhores filhos do nosso povo. Portanto, um combatente nosso, quando, na guerra, apanha um relógio, uma pulseira, um cordão de ouro ou qualquer coisa, apanhada ao inimigo deve mostrar ao seu chefe, à sua direcção, não ficar com ela, porque senão já não é combatente da libertação da sua terra, é saltador de estradas. Alguns camaradas não entenderam isso, não entenderam quanto baixam de consideração diante daqueles que são sérios no Partido porque trazem no peito, pendurado, um grande cordão de ouro que foi tomado numa tabanca qualquer, ou num encontro qualquer com o inimigo. Muitos camaradas não entenderam isso, mais isso foi uma baixa de consideração para eles. Mesmo relógios, claro se um indivíduo apanhou um relógio numa guerra, é para ele, mas ele tem que o mostrar primeiro ao seu chefe, que depois lhe diz que fique com ele. E se já tem um relógio e quer ficar com outro, deve passar o primeiro ao outro camarada que não tem nenhum. Mas não, há camaradas que apanham e calam-se, e assim, mostram que a sua consciência ainda não entendeu o valor do seu trabalho, o sacrifício que ele mesmo está a fazer. Ele põe o seu valor mais baixo que o valor de um relógio qualquer que amanhã ele pode ter tantos quantos ele quiser honestamente, decentemente. Temos que combater tudo isso, camaradas.

E temos que combater na nossa luta no plano económico, como noutros planos as tendências para extremismos, como por exemplo, camaradas que dizem: — vamos pôr a nossa gente no traba-

lho forçado. Isso não, camaradas. Obrigar o povo à força a fazer cultura de qualquer coisa, não. Pode ser que dê, mas não queremos isso, não queremos extremismo isso é falta de compreensão do presente e do futuro da nossa luta. E, mesmo no enquadramento do nosso futuro na planificação da nossa vida de amanhã temos que evitar todo o extremismo, todo o exagero, sobretudo com a mania de demasiado progressistas. Por exemplo pode haver camaradas que ponham o problema desde já da seguinte maneira: na nossa terra a agricultura é uma coisa atrasada, toda a gente quer deixar a agricultura, a Inglaterra desenvolveu-se mas pouca gente faz a agricultura. A França à medida que avança diminuiu os agricultores e aumentou as indústrias. Vemos que os países avançam é com a indústria pesada, portanto, nós na nossa terra na Guiné e Cabo Verde, depois da independência só a indústria pesada, paramos com a agricultura. Mas devemos estar vigilantes também para evitar os erros que são o contrário desses. Há os que pensam: agora devemos deixar a nossa terra como está, porque assim é que é bom. Nós somos africanos, devemos ter os nossos régulos, a gente que lhes cultiva a terra, que vende no comércio etc., porque assim é que somos bons africanos com as nossas tradições os nossos costumes, os balantas lavram arroz, os fulas lavram mancarra; os felupes lavram arroz, o manjaco lavra mancarra e arroz e outras coisas, os bijagós colhem coconote, o caboverdiano produz milho para morrer de fome quando não houver milho. Não, isso não, isso é extremismo ao contrário. Se quisermos na linguagem de hoje em dia, o que eu disse primeiro chama-se desvio para a esquerda e o que eu disse agora o desvio para a direita. Isso

não quer dizer, que o meio é melhor. Há muita gente que julga que o que está no meio é que é bom mas não é verdade, a coisa boa está em saber juntar dum lado e doutro para andar para a frente. Juntar de um lado e doutro, procurar o caminho justo, numa terra, não é ficar no meio, no meio não se pode fazer nada. Mas essa é uma conversa mais complicada a que voltamos noutra ocasião.

Temos, portanto, que estar no plano da nossa resistência económica como noutros planos, para além de todas as nossas fraquezas e levantar cada dia mais todas as nossas forças. Combater as nossas fraquezas para levantarmos as nossas forças.

Esta é a nossa conversa de hoje sobre a nossa resistência no plano económico.

3. Resistência Cultural

Devemos lembrar que não chega produzir, ter a barriga cheia, fazer boa política e fazer a guerra. Se o homem, a mulher, um ser humano — faz tudo isso, sem ele próprio avançar como ser inteligente, como primeiro ser na natureza; sem ele próprio sentir que cada dia aumentam na sua cabeça os conhecimentos do meio, como do mundo em geral, quer dizer, sem ele avançar no plano cultural, tudo aquilo que faz — produzir, fazer boa política, combater — não dá resultado nenhum.

Na nossa situação concreta temos que dar grande atenção à nossa *resistência cultural*. O nosso Partido, desde o começo, tem dado grande atenção a isso, e tomou nesse sentido medidas importantes, a partir do Congresso de Cassacá, embora mesmo antes tenhamos aconselhado que para avançarmos na nossa luta devíamos fazer a resistência cultural. Aliás, devemos dizer concretamente, que a própria criação do nosso Partido,

que planificou e avançou a nossa luta de libertação nacional, é um facto de cultura. É uma prova clara da resistência cultural, porque nós queremos ser nós mesmos, africanos da Guiné e Cabo Verde e não tugas. A nossa cultura não é a cultura dos tugas, embora a nossa cultura tenha hoje em dia alguma influência da cultura dos tugas. Portanto, todos os nossos combatentes, responsáveis ou militantes conscientes, devem saber claro que a nossa luta, é também resistência cultural, se não o principal aspecto da nossa resistência cultural — a luta armada.

Liquidação da cultura colonial e dos aspectos negativos da nossa própria cultura

Devemos trabalhar muito para liquidar na nossa cabeça a cultura colonial, camaradas. E queiramos ou não, na cidade ou no mato, o colonialismo meteu-nos muitas coisas na cabeça. E o nosso trabalho deve ser tirar aquilo que não presta e deixar aquilo que é bom. Porque o colonialismo não tem só coisas que não prestam. Devemos ser capazes, portanto, de combater a cultura colonial e deixar na nossa cabeça aquele aspecto de cultura humana, científica, que porventura os tugas trouxeram para a nossa terra e entrou na nossa cabeça também.

Concretamente, por exemplo: eu sou africano, podia ser que, como outros africanos que há ainda eu me convencesse de que para que certas coisas passassem na minha vida, era preciso que eu satisfizesse a vontade do «iran», e o «iran» diz que aquilo que eu lhe pedi na nossa conversa, só pode realizar-se se eu tirasse esmola duma rapariguinha de três anos (que dja passa três tehuba), para

matar, para fazer sacrificio e, então, tudo aquilo que eu quero pode realizar-se. Isso ainda existe em África e, se virmos bem, talvez existe ainda gente que acredita nisso na nossa terra. Lembro-me de um camarada chamado Alfucene que mandámos para a luta no Gabú, lembras-te Lúcio? Um dia procurou-me para dizer que o «iran» no Gabú não queria que lá lutássemos, a não ser que o filho dele fosse sacrificado. Eu interpretei isso da seguinte maneira: ele originário do Gabú, estava à procura de uma maneira de ser chefe, porque queria ser chefe no Gabú, e então quis mostrar que o «iran» tinha interesse no seu filho, portanto ele é que devia ser chefe. Eu disse-lhe: camarada, se é assim que vamos lutar no Gabú, vamos nós buscar esse «iran» até o encontrarmos, para matar, porque isso é um «iran» dos tugas, foi o tuga que o pôs lá, não é da nossa terra.

Mas podia ser que eu, como africano, tivesse ainda isso na cabeça. Neste momento mesmo, eu que falo assim, nalgumas terras da África há crianças que são mortas para satisfazer a vontade do «iran». Eu nunca tive isso na minha cabeça. Eu desenvolvi-me em África, mas aprendi o seguinte: — O mais maravilhoso o mais delicado que há no mundo, são as crianças. Às crianças devemos dar o melhor que temos. Devemos educá-las para se levantarem com o espírito aberto, para entenderem as coisas, para serem boas, para evitarem toda a espécie de maldade. Portanto, nunca devemos fazer-lhes mal algum, quanto mais matá-las. Portanto, eu tenho obrigação de defender na minha terra, todas aquelas pessoas que meterem na cabeça esse aspecto cultural.

Mas eu também, como africano, tive muitos

contactos com os tugas e podia ser que eu tivesse metido na cabeça que sou filho de gente civilizada, sou civilizado, fui à escola, que nunca vivi no mato que o mato é sujo e que eu tinha uma casa razoável, embora a minha mãe fosse pobre. Podia pensar que eu não tinha nada com a gente do mato, que os do mato são irmãos afastados e eu era superior a eles. Essa é a mentalidade colonial, é copiar a mentalidade dos tugas, colonialistas. Temos que combater isso, na minha cabeça ou na cabeça de qualquer outro.

Dá-vos exemplos concretos, portanto, do que é que devemos conservar do contacto com outras realidades e do que é que devemos eliminar do contacto com a nossa própria realidade. Os camaradas compreenderam já portanto, o que é a nossa resistência cultural. A nossa resistência cultural consiste no seguinte: enquanto liquidamos a cultura colonial e os aspectos negativos da nossa própria cultura no nosso espírito, no nosso meio, temos que criar uma cultura nova, baseada nas nossas tradições também, mas respeitando tudo quanto o mundo, tem hoje de conquista para servir o homem.

Há muita gente que pensa que para a África resistir culturalmente, tem que fazer sempre aquelas mesmas coisas que já fazia há 500 anos ou há mil anos. Sim a África tem a sua cultura, de facto, essa é a nossa opinião concreta. Alguns aspectos dessa cultura são eternos, nunca acabam podem transformar-se sempre pelo caminho, mas nunca hão-de acabar. Por exemplo, os nossos tipos de dança, o nosso ritmo próprio de África. Mas ninguém pense que o tambor é só da África, que ninguém pense que certas maneiras de vestir são só da África, as saias de palha, de folhas de

palmeira etc., que ninguém pense que comer com a mão é só da África. Sentar no chão é só da África. Todos os povos no mundo passaram por isso, e há ainda povos no mundo, no Brasil, por exemplo, que estão piores do que nós nisso, como na Indonésia, na Polinésia, no Extremo asiático.

Muita gente pensa para defender a cultura da África, para resistir culturalmente em África temos que defender as coisas negativas da nossa cultura. Não, a nossa opinião não é essa. É que a cultura também é o produto do nível económico em que um povo está. A nossa opinião é que, comer com a mão, e até cantar certos tipos de cantigas, até maneira de dançar, dependem da vida que o povo leva, do ponto de vista de produzir, produzir riquezas, produzir coisas para ele. Por isso é que as cantigas dos balantas são diferentes das cantigas dos mandingas, por exemplo. As cantigas dos balantas analisadas a fundo, são cantigas do homem da planície. Quando comparamos as cantigas balantas com as da Europa, vemos que são parecidas com as cantigas alentejanas, lentas em côro. Porque há certos tipos de vida económica e meios geográficos que dão certos tipos de canções. As pessoas que vivem na montanha, têm certos tipos de canções, quem vive sempre com o gado, tem o seu tipo de dança, quem vive na floresta, só, sem gado, já tem outro tipo de dança. Quem vive no deserto, onde há girafas e outras coisas, o seu tipo de dança é outro. E isso, seja na África ou na Ásia ou na América.

É conforme a nossa economia, o nosso desenvolvimento económico, assim é o nosso tipo de relações com a natureza. Quem acredita que a vaca é um Deus, quando dança põe a vaca lá no alto. Na própria dança a vaca é apresentada

como Deus. Mas quem acredita que é na floresta que Deus está escondido, a sua dança tem que ser de respeito pela floresta, as canções trazem uma música especial e palavras especiais, em relação a isso. Isso repete-se em toda a parte do mundo, onde há essa situação económica concreta a essa dada situação de relações com a natureza. Quem ainda tem medo dos relâmpagos, das cheias dos rios, das trovoadas, as suas canções e danças são dum certo tipo. Podem ter uma ou outra diferença mas são parecidas. Claro que se compararmos as nossas danças com as danças da Europa, das cidades, etc., vemos que não são nada parecidas, são danças ultra-modernas, mas se compararmos com o folclore, quer dizer, com as artes e costumes de outros povos da Europa oriental ou então na Ásia ainda mais, encontramos algumas danças muito parecidas com as nossas, camaradas.

O nosso ponto de vista portanto, é que, na nossa cultura devemos fazer resistência para conservar aquilo que de facto é útil e construtivo, mas na certeza de que, à medida que avançamos, a nossa roupa, a nossa maneira de comer, a nossa maneira de dançar, de cantar, tudo tem que mudar aos poucos, quanto mais a nossa cabeça, o nosso sentido nas relações com a natureza, e até das nossas relações uns com os outros.

Medo da Natureza

Por exemplo; nós africanos, estamos numa situação tal, que precisamos de segurança porque ainda não dominamos a natureza. Então precisamos daquilo que se chama *segurança orgânica*. A segurança orgânica é tanto maior, quanto maior fôr o número de pessoas que estão perto de nós. Se

eu estiver só no mato, fico com medo, mas se estiver com várias pessoas é melhor. Mas essa segurança orgânica tem uma contradição, é que não se confia nem mesmo naqueles que estão à nossa volta. Há tanta necessidade de segurança que sempre se necessita de alguém junto de nós, mas como a segurança não está garantida, a necessidade de segurança é tão grande, que se começa a desconfiar daqueles que estão connosco. Então acontece isso no nosso meio, mesmo com uma pessoa em quem se tem confiança. Ontem confiamos nela, mas quando ela vem e nos dá a mão, desconfiamos dessa mão. Dá-se-lhe a mão, mas sempre se desconfia da mão. Há até os que logo a seguir vão lavar as mãos, com receio de alguma coisa má. Desconfia-se até dos olhos. E há gente no nosso meio que se aproveita disso sempre para nos arregalar os olhos. Lembro-me do nosso camarada L... forte, valente, brigão, às vezes, chefe do nosso Lar, no tempo de preparação dos camaradas. Havia um pobre coitado em Conakry, que tinha a mania que era mouro, que andava com os oportunistas daquele tempo. A verdade é que não era boa peça, e o L... tinha um medo grande dele, queria só bater-lhe. Um dia ele foi para os lados do nosso Lar, o L... avança para ele, descompondo-o, etc.. O tipo puxou do seu chifre, apontou para o L... e disse-lhe ah! O L... voltou logo para trás com medo do chifre.

Camaradas, nós rimo-nos disso agora, mas muitos dos camaradas que estão aqui sentados têm medo ainda do chifre. Hoje nós rimo-nos e temos medo, mas temos a certeza de que amanhã na nossa terra, os filhos do nosso povo na Guiné e em Cabo Verde, onde também ainda há muito medo, no mato (não pensem que quando chegam

os meninos de S. Vicente com as suas manias ou da Praia que no mato em Cabo Verde, não há medo também, medo dos mouros. A minha mãe, uma vez que eu adoeci, levou-me ao mouro porque pensava que talvez alguém me tivesse feito mal. Medo de deitar cartas, medo de cabelos. Fazem amuletos com cabelos para se livrarem do mal), dizia que tanto em Cabo Verde como na Guiné, os filhos do nosso povo, amanhã não terão medo de chifres. O chifre é uma coisa que tem grande riqueza em cálcio que cresce na cabeça de certos animais, mais nada camaradas. Se o queimarmos tem um cheiro especial, produto de proteínas e doutros produtos químicos que tem. O chifre não faz nada. Mas hoje por mais que grite ninguém me ouve, não acreditam vocês. Por isso não vou fazer a asneira de lutar contra vocês nisso. Só vos digo que peguem teso na luta, que trabalhem muito, porque os filhos dos vossos filhos, já não vão acreditar nisso, se de facto cumprirmos o nosso dever em relação ao nosso povo, como deve ser. Porque os succos, esses dois que vocês viram, também os pais dos pais dos pais deles acreditavam em chifres. E a maneira de enterrar os succos antigos na terra deles, era igual à maneira de enterrar as pessoas hoje em dia na nossa terra. A maneira de enterrar os reis, nos tempos antigos, nos tempos antigos da Suécia, era igual à maneira de enterrar os nossos reis também; iam para a cova com todas as suas coisas, quando não matavam a mulher para ficar com ele na mesma cova. Os Vikings, que são os antepassados dos Suecos, não iam para a guerra sem mêzinho. Um dia estávamos em Cuba, eu e o Oswaldo sentados a ver um filme de Vikings na Televisão: eu farfei-me de ver os filmes sobre Vikings, o Oswaldo estava a ver nessa altura. Re-

pentinamente apareceram os guerreiros e o Oswaldo disse:— mas camarada, olhe, eles têm uma data de mêzinhos! Pois claro; ninguém pense que nós os africanos é que sabemos muito, é que temos mêzinhos e porque temos mêzinhos é que podemos fazer a guerra. Os Vikings fartaram-se de usar mêzinhos, os Francos, camaradas, gente da França antiga, quando combateram contra César de Roma, só com mêzinhos, por todo o lado. Os Ingleses antigos, os Índios da América também. Na China, Mao-Tsé-Tung teve grande trabalho para acabar com os mêzinhos e até hoje ainda não acabou, e a feitiçaria ainda não acabou, na China. Há grupos étnicos na China que têm feitiços. Se lerem as obras dos vietnamitas, verão que o feitiço também existe no Vietname. Um dos grandes chefes vietnamitas disse que eles tiveram que aceitar os mêzinhos da sua gente para poderem levá-la para a luta. Com aqueles que rapavam a cabeça, nós rapávamos a nossa também antes de fazermos qualquer coisa, fazíamos as cerimónias com eles com a certeza de que isso era errado, sómente pusemos alguma coisa de racional nisso para evitarmos desgraças.

Ninguém pense que porque essas coisas existem entre nós, porque somos africanos, somos mais do que os outros, porque conhecemos mêzinhos que outros não conhecem. «Lopé», toda a gente já usou «lopé» no mundo e há os que ainda usam, por todo o lado. Bubu, panos à moda dos ganeses, em Roma era assim ou parecido. Vejam os filmes sobre os Romanos, todos os seus panos, chamam-se togas, mas era um pano como qualquer outro. Sandálias e panos, nada mais. Mas hoje há pessoas que andam de pano, como se de facto só a África é que tivesse panos, só a África é que soubesse o

que é pano. Isso é o reflexo de um estado de desenvolvimento económico, nada mais. É bom, é nosso mas não vamos agora pensar que só é nosso. Dia virá em que os filhos dos filhos dos vossos filhos não-de esquecer tudo isso. Pena é que não vivamos o bastante para podermos constatar isso. Como hoje nós quando vemos as coisas dos Vikings, pensamos que eles eram doidos, não entendemos que os Vikings viviam a própria vida, daquele tempo. Não davam um passo sem consultar o feiticeiro antes. O rei andava sempre com o seu feiticeiro ao lado. Os romanos antes de irem para o combate, nos tempos antigos, abriam a barriga de uma galinha primeiro, para verem se a ocasião era boa para fazer a guerra ou não. Havia até pessoas que chamavam «augúrios» a quem os chefes consultavam para saberem se podiam ou não ir para a guerra.

Havia na Grécia antiga, que foi o centro da civilização do mundo, feiticeiras que viviam na montanha, chamadas «pitonisas», que eram consultadas para se saber o destino das guerras, das pessoas, etc., e o povo levava-lhes ofertas, porque Deus estava dentro delas. É como o nosso «iran» de Cobiana, camaradas. Mas isso foi há três mil anos atrás na Grécia. Quanto mais no Egipto, no Egipto antigo, todos os faraós tinham os seus feiticeiros e Deus era um boi, o «boi Apis», a vaca era intocável, porque a vaca era sagrada, como na Índia ainda hoje. Na Índia não comem vacas, há gente que morre de fome diante da sua vaca, porque não se pode matar, porque a vaca é Deus. Leva-se a vaca ao rio para lavar, e toda a gente entra na água com a vaca, para se lavar na água de Deus.

Desenvolvimento de ideias novas

Temos que entender isso bem, para podermos fazer a nossa resistência cultural, naquela base que de facto devemos fazer a nossa resistência cultural. Devemos limpar da nossa terra toda a influência nociva da cultura colonial, camaradas. E o primeiro acto da cultura que devemos fazer na nossa terra é o seguinte: unidade do nosso povo, necessidade de lutar e desenvolver em cada um de nós uma ideia nova que é o *patriotismo*, o amor pela nossa terra, como uma coisa só. Essa é a primeira parte da cultura que devemos dar à nossa terra. E devemos mostrar o valor que tem o resistirmos ao inimigo, ao estrangeiro na nossa terra. Juntarmos as nossas forças para não permitirmos, que o nosso povo, os filhos da nossa terra, sejam pisados, humilhados por outra gente. Entender claro, que nós, na nossa terra, temos direitos iguais aos de qualquer outra gente na sua própria terra. Esse é um grande avanço da nossa cultura, se conseguirmos fazer isso, e vamos fazê-lo em pouco tempo, a própria guerra vai fazê-lo na nossa terra.

Além disso, camaradas, devemos elevar no espírito de cada um, sobretudo no espírito de cada combatente o valor do *heroísmo*, ser capazes de ter coragem para cumprir rigorosamente as palavras do Partido. Se for preciso matar o inimigo em dado lugar, ir e matá-lo mesmo. Isso é que é cultura camaradas. Quando um homem é capaz de fazer isso, é culto de facto. E na medida em que um grupo de homens como estes que aqui estão, diante de um dado facto, são capazes de se unirem todos, como se fossem um só homem, esses são muito cultos.

Vejam por exemplo, isto: — a nossa popu-

lação mandinga, por exemplo, tem muitas rixas entre eles, muita conversa, uns têm a mania que são mais do que os outros, puxa-puxa, roubos, até se diz que os mandingas quando dizem uma coisa, estão a pensar precisamente o contrário. Por isso parece uma população dividida. Mas diante de um acto cultural, por exemplo, como rezar, eles parecem um homem só. Noutro grupo étnico, por exemplo diante do «iran» é escusado. Por exemplo, se dissermos a um balanta ou a um manjaco o seguinte: — olha o Bobô é um bom rapaz, ele diz logo que essa pessoa é amiga do Bobô e repete a mesma coisa a outros. Uns acreditam e outros não. Mas se dissermos que o «iran» de Cobiana disse tal coisa, mesmo que estejam na União Soviética ou noutro sítio qualquer, basta que alguém diga que o «iran» disse tal coisa, todos acreditam, mandingas, mancanhas, papéis, balantas, todos. Vocês vêem, portanto, como é que diante de uma situação cultural, um povo é capaz de se unir, sendo um povo tão dividido como o nosso povo era.

Por isso é que quando nós dizemos que somos capazes de nos unir para resistir ao nosso inimigo, estamos a aumentar a nossa cultura. Isso é também uma prova de que temos cultura de facto e temos de ser capazes, como Partido, como organização política, de levantar cada dia mais no espírito da nossa gente, na Guiné e em Cabo Verde esta idéia concreta: só é filho do nosso povo aquele que é patriota. E mais longe ainda, nesta fase da nossa luta, aquele que tem amor pelo nosso Partido. Isso é que é cultura na nossa terra hoje em dia. Fundamental na nossa cultura hoje, não é ensinar a ler e a escrever, isso é preciso também, já falámos disso, não é fazer o segundo grau. É entender bem o que é que o nosso Partido quer,

o que é que nós queremos, o que é que nós procuramos, o que é que estamos a fazer, o que é a nossa luta, para onde vamos. Isso é que é importante, camaradas. Ser capaz de dar a sua vida. Quem hoje, é capaz de dar a sua vida sem pedir nada, para o nosso Partido, esse é um homem agora culto na nossa terra.

E diante desta luta podemos comparar por exemplo, diversas raças da Guiné para vermos qual é a mais culta ou a menos culta. As vezes aparecem como menos cultos aqueles que sabem mais de certas coisas. E qualquer Mané ou N'Bana lá do meio do mato, que pegou teso no seu trabalho, é mais culto que um Alvarenga ou um outro qualquer muito instruído que continuou atrás dos tugas. Porque ele corresponde àquela relação de homem na sociedade e do homem em relação à natureza, que serve o interesse do seu povo, para amanhã conquistar um nível de vida mais alto. Isso é que é cultura, camaradas. Entender de facto a situação concreta da sua terra para transformá-la no sentido do progresso.

Devemos inculir, meter no espírito de cada um a certeza da nossa vitória, confiança na nossa vitória. Esse é um acto cultural, também, camaradas. Aguentar cada um, para não desistir nunca, para não desesperar, diante de nenhuma derrota, porque não há nenhuma luta que não tenha derrotas. Na nossa luta também há derrotas, mas isso faz parte da luta, por isso é que é luta. Mas devemos levantar cada dia mais a confiança na vitória, devemos fazer tudo para desesperar o inimigo, para desesperar os agentes do inimigo, para lhes mostrar que não há maneira, ele vai perder de certeza. Isso é que é cultura, camaradas.

E nós devemos, na base do amor pela nossa

terra e pelo nosso povo, na base do amor pelo nosso Partido, desenvolver as nossas danças, as nossas cantigas, as nossas músicas, fazer teatros, acrobacias mesmo, imitações de outra gente, etc... Por exemplo quando imitamos os colonos, o senhor fulano de tal etc., isso é muito importante. Devemos desenvolver tudo isso, ao serviço da nossa luta, ao serviço da nossa causa de hoje, com um conteúdo, quer dizer, com factos e palavras novas.

Esse é o grande valor, por exemplo, das cantigas que os balantas, os beafadas, os mandingas e outros, o crioulo, o mancanha, o papel, etc., ou das mornas e coladeiras que já se fizeram na base da nossa luta, levantando alto o nosso Partido, o nome dos nossos combatentes corajosos, cantando as nossas armas, batalhas, ataques contra os aviões tugas. etc., mostrando o caminho longo do nosso povo nesta guerra. Essa é que é a nossa cultura, isso é que devemos desenvolver hoje em dia.

Paralclamente claro, devemos avançar para abriremos a cabeça da nossa gente, em relação à literatura, à ciência, etc.. Porque nós sabemos que não são os analfabetos que podem fazer uma terra boa. É preciso gente que lê e escreve. Toda a gente que sabe ler e escrever deve ensinar àqueles que não sabem. Há muito tempo que o nosso Partido lançou essa palavra de ordem e há muito tempo que o nosso Partido começou a abrir escolas, a melhorar a preparação dos professores, a formar quadros para podermos avançar no caminho dos conhecimentos científicos da vida e do mundo.

Desenvolvimento de uma cultura científica e popular

A nossa cultura nova na escola ou fora da escola temos que pô-la ao serviço da nossa resistência ao serviço de cumprimento do programa do Partido. Tem que ser assim camaradas. A nossa cultura deve desenvolver-se ao nível nacional, da nossa terra. Mas sem desprezar nem considerar menos, a cultura dos outros, e com inteligência, aproveitando a cultura dos outros, tudo quanto é bom para nós, tudo quanto pode ser adaptado às nossas condições de vida. A nossa cultura deve desenvolver-se numa base de ciência, deve ser científica, quer dizer, não acreditar em coisas imaginárias. A nossa cultura deve evitar amanhã, qualquer um de nós pensar que o relâmpago é amostra de que Deus se enraiveceu, a trovoada é voz do céu que fala ou «iran» furioso. Na nossa cultura toda a gente tem que saber amanhã, embora façamos baile quando há trovoadas, saber que trovoada são duas nuvens que se chocam, uma carregada de electricidade positiva e outra carregada de electricidade negativa, e quando se chocam provocam uma faísca que é o relâmpago e um barulho que é a trovoada. Como quando se pega um dois fios eléctricos, positivo e negativo e se encosta um ao outro, que faz uma faísca. Isso é que é o relâmpago no céu, na electricidade das nuvens. O barulho é o encontro de duas nuvens, que se chama trovoada.

Tanto é assim que, tendo em conta a velocidade do som, no ar, quando se ouve a trovoada pode-se fazer o cálculo para saber onde é que uma nuvem se encontra com a outra, porque a luz anda mais depressa que o som. Vê-se o relâm-

pago e depois de um bocado ouve-se o barulho da trovoadá. Entre o momento em que se vê o relâmpago e o momento em que se ouve o barulho, se for por exemplo de 5 segundos, podemos calcular onde é que as duas nuvens se encontram, a que distância de nós, porque a velocidade do som no ar é de 340 metros por segundo. Portanto, se no momento em que se vê o relâmpago se contar os segundos, por exemplo, multiplicam-se cinco por 340 e obtém-se 1700 metros. Quer dizer, que foi á distância a 1700 metros de onde estamos que as duas nuvens se encontraram e provocaram uma trovoadá e o relâmpago.

O raio não é mais de que uma fásca eléctrica, que por condições especiais cai na terra e pode vir com força suficiente para destruir um bocado, como aliás podemos fazer qualquer coisa rebentar dentro da casa com a corrente eléctrica. Ou então pode vir com pouca força, entrar em qualquer sítio, passar e desaparecer. Pode mesmo passar num corpo humano e desaparecer no chão, porque a terra é também carregada de electricidade, e como é electricidade contrária, atrai a fásca. Por isso é que se põe pára-raios em cima das casas, para que o raio entre lá e passe directamente para a terra, sem fazer mal a ninguém.

Camaradas, temos que basear a nossa cultura na ciência. Temos que tirar da nossa cultura tudo quanto é anti-científico, mas não hoje ainda, amanhã. Mas se trabalharmos bem hoje, temos a certeza de que amanhã isso será possível.

A nossa cultura tem que ser popular, quer dizer, cultura de massas, toda a gente tem direito á cultura. Além disso, respeitando aqueles valores culturais do nosso povo, que merecem ser respeitados. A nossa cultura não pode ser para uma

elite, para um grupo de pessoas que sabe muito, que conhece as coisas. Não. Todos os filhos da nossa terra, na Guiné e em Cabo Verde, têm que ter direito a avançar culturalmente, a participar nos nossos actos culturais, a manifestar e a criar cultura.

Devemos colocar bem no nosso espirito, a situação comparativa da cidade e do campo. Devemos notar que, enquanto nas nossas cidades se desenvolveram dia a dia, os costumes estrangeiros, uns bons outros maus, mas a nossa tendência geral é para aproveitar os maus: alcoolismo, prostituição, banditismo, aldrabice, assaltos, ladrões de certo tipo, etc., no nosso mato a vida é mais pura, embora não queira dizer com isso, que não haja gente que roube. Mas há uma diferença grande entre um ladrão em Bissau e um ladrão balanta que rouba em qualquer lado. O adirão balanta, em geral, rouba — a não ser depois que os colonialistas vieram, já com a influência dos colonialistas mas em geral ele rouba sem interesse de ficar com aquilo que rouba, o que lhe interessa é roubar. Por isso mesmo é que muitas vezes ele rouba uma coisa, passa-a a outro e nunca mais vê essa coisa, porque o furto nos costumes balantas é um desporto, é para mostrar capacidade, inteligência. Se eu tenho estes óculos, guardo-os bem, mas uma pessoa assim pensa: hei-de jogar até conseguir apanhá-los sem ele sentir. Essa pessoa mostra que tem uma capacidade grande mais do que a minha, capaz de me enganar. Esse é que é o significado do roubo balanta. É roubar como um exercício intelectual, como um exercício de capacidade física e intelectual, sem nenhum interesse de ter aquilo que rouba. Por isso mesmo, um jovem balanta, quando chega o

momento de festejar a sua passagem para pessoa adulta, pode contar os roubos que fez, para mostrar o seu valor, a sua capacidade e os homens grandes gabam-no e ficam contentes se se trata de um filho seu, porque é uma pessoa de muita categoria. Roubos nas cidades, não. O ladrão da cidade, rouba para dar de comer à sua gente, ou então para se enriquecer. Além daquele outro tipo de roubos que no comércio, por exemplo, é legal, roubo legal.

Devemos saber comparar o nosso mato com a nossa cidade, para evitarmos que todas as impurezas das cidades venham para o mato e para levarmos para as nossas cidades as purezas que possam existir no nosso mato. Repito que isso não quer dizer que no mato não haja coisas más. Há muitas coisas más, até questões de sacrifícios, do bater nas crianças, etc.. É medonha a maneira como se bate nas crianças na nossa terra. Temos que combater isso também. Não podemos partir do princípio que o mato é puro, que não tem nada mal e que a cidade é que é má. Não, tanto na cidade como no mato há coisas más, e coisas boas, só que, comparativamente, a cidade é menos pura do que o mato. E temos que trabalhar para fazer progredir o nosso campo cada dia mais, tanto no plano cultural, como noutros planos.

Desenvolvimento da ideia de perfeição

Temos que desenvolver no nosso povo inteiro, camaradas, desde hoje, nos nossos combatentes, como nos nossos militantes e na nossa população, esta consciência: quando um ser humano está a fazer um trabalho, deve fazê-lo bem, perfeita-

mente, e o mais rápido possível e da maneira mais simples. Devemos desenvolver no nosso espírito, no espírito da nossa gente, a ideia de perfeição. Nós não temos ainda muito bem o espírito da perfeição. Vejam aquela cortina, não há um camarada que seja capaz de ver isso e se levante para arranjar. Um prego que se põe na parede, uma roupa que se faz, se fica torto, não é problema para nós. Nós não temos bem a ideia de perfeição. Temos de combater esse espírito, para incutir na nossa gente o espírito da perfeição. Se é uma emboscada que fazemos, vamos fazê-la o melhor possível. Um camarada que foi à preparação no estrangeiro, ou que tem já conhecimento bastante, sabe como se faz uma emboscada: deve colocar tal arma em tal lado, outra arma em tal lado, tantos homens ali, tantos lá, tantos de reserva, etc., atacar o inimigo em tal ponto. Quantos camaradas fazem isso, quantos? Quando fazem bem os resultados são extraordinários, mas os camaradas em geral não se lembram disso.

Tanto numa emboscada como numa reunião, em que têm que falar. Numa reunião, o camarada tem que falar, mas nem apontamentos toma, nada, fica só a inventar. Ele pode valer-se muito da conversa, mas tem que estudar um bocado, lembrar as coisas. Hoje há uma reunião com a tal tabanca, é preciso sentar-se e pensar nos problemas que há com essa tabanca, tomar as notas necessárias. É um comissário político, o Partido tem confiança nele, ele é que é o Partido nesse momento; como é que ele vai conversar só por conversar. É preciso estudar, não é preparar um discurso inteiro, não vale a pena fazer um discurso inteiro para a nossa gente, no mato. E às vezes vale a pena, mas é preciso tomar notas dos vários problemas, pensar nos problemas que se

vai discutir. Isso é muito importante. Reuniões de responsáveis, em que cada um quer ir para a reunião, mas que ninguém sabe o que vai lá dizer.

Ou então fazem a reunião da seguinte maneira: vários responsáveis reúnem-se no Norte ou no Sul da nossa terra, para decidirem o quê? As palavras de ordem do Partido. Há camaradas que me mandam relatórios de reuniões e quando se vai a ver o que decidiram, são coisas que estão nas palavras de ordem do Partido, que eles não leram. Mas decidiram muito menos e pior do que já estava, ainda por cima. Quando se faz uma reunião de responsáveis é para tratar o seguinte: — em que medida já cumprimos as palavras de ordem do Partido? Tomam-se notas e discute-se. Ou então surgiu um problema qualquer no Comité Inter-Regional, tomaram-se notas antes para se discutir.

Perfeição no nosso trabalho, isso é muito importante, mas perfeição mesmo na nossa maneira de vestir. Quantas vezes eu digo aos camaradas para arranjarém a gola, meter a fralda dentro. Um povo que está a lutar pela sua independência, pela sua dignidade, desde hoje tem que andar com os pés limpos. Quando se anda na lama, paciência, mas quando saímos da lama, vamos lavar os pés. Roupa limpa, é só uma, despe-se e amarra-se um pano, lava-se e torna-se a vestir limpo. Pentear o cabelo, se não há pente, façam um pente de pau se for preciso, se não se puder comprar. Mas há camaradas que parece que têm orgulho no cabelo todo despenteado. Parece uma coisa que não tem importância, mas tem muita importância. Para a nossa dignidade, para abrir novos caminhos na vida, tem uma grande importância a maneira como nos comportamos.

Os tugas, antes, diziam que nós éramos muito sujos, mas quando nos vestíamos bem, chamavam-nos doutores «preto com manias de doutor». Essa é que era a posição dos tugas. Mas nós não temos esse complexo, nós somos contra tudo o que é sujo, somos contra a porcaria. A mim admira-me, por exemplo, como alguns camaradas são capazes tanto de se deitarem na cama como no chão, é a mesma coisa para alguns camaradas nossos, felizmente não são todos. Mas tanto faz o quarto estar cheio de lixo, como estar limpo. Até camaradas responsáveis, por exemplo, não são capazes de pegar para limpar, no meio da sujeira, mas são capazes de dar a sua vida pela sua terra, e não são capazes de limpar um chão, não são capazes de varrer, de pôr um quintal limpo, incapazes de fazer um jardinzinho que seja, quando apesar de todo o trabalho, há tempo para isso.

Há camaradas nossos na nossa terra, que fizeram a sua base bonita, bem arranjada, e nunca, mesmo sendo contra as bases, nunca eu lhes disse nada, porque vi um esforço, uma vontade de arranjar. Mas outros não querem saber. Quando um homem ou uma mulher querem dar a sua vida por uma causa, têm que estar limpos, num ambiente limpo, fazer com que todos aqueles que os rodeiam sejam limpos. Porque só assim é que o seu espírito pode ser cada dia mais limpo.

Temos que ter a noção do tempo, na nossa cultura, na nossa acção. Não fomos nós que inventamos o relógio, mas temos que ter a noção do tempo, camaradas. Os nossos camaradas, nós em geral, contrariamente ao nosso povo, que sabe bem, muito bem, o que é o tempo, porque, por exemplo, ele sabe que se não lavrar até uma determinada

altura, passa mal, que tantos dias depois das primeiras chuvas tem que semear, senão está mal. Tantos dias depois de a planta crescer à beira da casa, o arroz de viveiro, tem que o passar para a bolanha, senão já não pega bem. Tanto tempo depois de abrir a bolanha, de cortar o tarafe, pode começar a plantar, antes não, porque ainda tem sal, etc., etc..

Os nossos camaradas hoje, muitos deles não têm a menor noção do tempo. Se é preciso levantar-se às cinco de manhã, levantam-se às nove, é preciso fazer uma emboscada a partir das quatro da tarde, mas nesse dia não chegam lá, aparecem só no dia seguinte e verificam que os tugas já passaram. É preciso atacar tal caserna às seis da tarde, mas chegam às altas horas da noite, ou então se era para o meio dia chegam à tarde e deixam para o dia seguinte. No dia seguinte chegam nas mesmas condições. Quantas vezes os nossos comandantes têm falhado ataques ou emboscadas, só por causa de atrazo. Alguns atrazos são justificáveis, por que as nossas condições são difíceis, mas outros é apenas falta de interesse, falta de consciência, falta de ordem, de decisão.

Às vezes dá-se a um camarada uma missão para levar uma carta a tal sítio rapidamente. Pelo caminho, se encontra uma razão qualquer, de divertimento, para logo três ou quatro dias, um dia há-de lá chegar. Não pode ser. Assim, nem ganhar a guerra, quanto mais construir uma terra. Temos que ter a noção do tempo. Os camaradas comissários políticos, de segurança, etc. têm que estar a horas em cada sítio. Que ninguém me venha dizer que não tem relógio e que por isso não pode estar a horas. Nós não precisamos de relógio para chegar a horas. Podemos decidir encon-

trar-nos quando o sol estiver alto. Na nossa terra há sol. Quando o galo cantar pela primeira vez, tem que se levantar. Quando o sol estiver a pino temos que ir. Não é preciso relógio para respeitar o tempo camaradas. O relógio é para ajudar os camaradas mais um bocado. O nosso povo viveu durante séculos sem relógio, mas aquilo que pôde fazer nas condições económicas em que estava, fez. Não foi o relógio que fez o povo da Europa avançar, não. Foi o trabalho a horas, e avançaram tanto, que criaram o relógio, o relógio moderno, porque o relógio antigo toda a gente tem, basta espetar um pau no chão, porque a sombra diminui e dá a volta ao pau, e conforme o sítio onde está a sombra, assim é a hora. É um relógio de Sol. A sombra de uma pessoa pode ser um relógio, porque de manhã, a sombra está dum lado, à tarde a sombra está doutro lado. Ao meio-dia, muita gente diz que ao meio-dia se perde a sombra, porque ela fica debaixo dos pés, o sol está a pino, por cima de nós.

Temos que trabalhar muito, camaradas, para aproveitarmos o tempo. Temos que procurar ser práticos no nosso trabalho, temos que incutir no espírito dos nossos camaradas a ideia do práctico. É preciso deixar de complicar as coisas. Ou então perder no nosso espírito a interpretação mágica da realidade, quer dizer, nós temos ainda certas maneiras de pensar que se nos sentarmos e discutirmos muito bem um assunto, em que todos estão de acordo, pensamos que a coisa já está feita, ficamos contentes como se tivéssemos de facto feito essa coisa e se for preciso até fazemos uma festa, porque a discussão foi muita b.a. Mas acaba a discussão, cada um sai satisfeito da vida, porque vão fazer um bom trabalho, mas não tratam de fazê-lo porque está-lhes já na cabeça.

Mas se repararmos bem, vemos que isto corresponde à nossa própria vida, nós estamos convencidos de que os mouros ou feiticeiros são capazes de apontar-nos o dedo e fazer-nos cair. Mais tarde ou mais cedo havemos de ver que é mentira, não é capaz nada. Mas isso está na nossa cabeça, pensamos nisso e acreditamos. E tantas outras coisas mais. Assim também, nós pensamos numa emboscada, ficamos muito satisfeitos, mas não tomamos nenhuma medida prática para tudo correr bem, sem falhas, porque na nossa cabeça tudo está bem, porque na nossa interpretação, mágica de realidades, acreditamos.

Temos que combater isso no nosso meio, temos que o fazer todos, como alguns camaradas fazem. Discutir mas pôr em prática correctamente, como deve ser, sem falhas, porque a nossa desgraça é começar e não acabar. Quando começamos uma obra, vai com todo o entusiasmo por exemplo, vamos fazer um armazém subterrâneo para guardar material. Começamo-lo com entusiasmo, mas passado um bocado paramos e toda a gente esquece. Vejam a África independente, quanta coisa começada que não acabou. Porque para nós, basta meter a coisa na cabeça e pronto, não se pensa mais nisso. Quanta coisa que nós planificámos dentro da nossa luta, no plano político, no plano militar, na instrução, na saúde, que não fizemos. Começámos, mas surgiu uma só dificuldade, já não avançou. Temos que combater isso com força, com força grande.

Podemos dar exemplo de muitas coisas começadas que não foram acabadas. Os povos que começam uma coisa e não acabam, as organizações que começam uma coisa e não acabam, das duas uma: ou reconheceram que não valia a pena

fazer ou então na foram capazes de a acabar. Se reconhecerem que não valia a pena fazer, estão a fazer uma coisa que não deviam fazer, certo estudaram mal o problema. Antes de começarmos a fazer uma coisa, devemos estudá-la bem, para sabermos se vale ou não a pena fazê-la e não começar a fazê-la para depois deixar. Isso é uma perda de energias, é esbanjamento. Ou então acontece que não se pode acabar. Mas quem não pode acabar uma coisa que começou a fazer, então está desgraçado na vida, porque não pode fazer nada. Temos que combater isso, camaradas.

Portanto, perfeição, aproveitar bem o tempo e ter o sentido prático das nossas realizações, capacidade de realizar até ao fim cada obra, cada coisa que temos para fazer, é muito importante camaradas, fundamental na nossa cultura camaradas. Novos elementos para a nossa cultura, na nossa terra. Porque mesmo que seja preciso uma semana inteira para fazermos uma emboscada bem feita, num ponto na estrada, devemos fazê-la, uma semana inteira, um mês inteiro. Devemos organizar as nossas tropas de maneira que um grupo esteja sempre naquela estrada, rondando, mudando, etc., mas tem que ser sempre assim. Se sabemos que o inimigo deve passar lá, não devemos sair, é preciso fazer o trabalho até ao fim. Não como já vos disse, chegar fazer uma grande emboscada, esperar uma hora, duas, três, quatro horas, o inimigo não vem. Uns dizem que vem, outros que não vem e acabam por ir-se embora. Depois o inimigo passa e vai abastecer o seu quartel. Nos rios a mesma coisa. A hora do ataque tem de ser a hora que foi marcada, se não para quê marcar a hora? Um ataque foi marcado para as cinco horas, mas passam as

cinco, as seis e até outro dia, e o ataque não se fez. Para quê que os camaradas brincam com a sua cabeça? Para quê? Nós marcamos para as cinco horas, depois de termos a certeza de que é mesmo as cinco, marcamos para as dez depois de termos a certeza de que pode ser para as dez horas. Além disso, conhecendo o inimigo como o devemos conhecer, nós sabemos qual é a melhor hora para o atacarmos. Devemos aproveitar isso ao máximo.

Construção de uma vida nova

Devemos ser capazes de fazer grande propaganda da nossa resistência, isso também é um acto de cultura. Por todos os meios que dispomos. Por isso mesmo é que uma das maiores vitórias do nosso Partido, é a nossa Rádio Libertação, o nosso Jornal, a nossa Imprensa, a nossa Informação, tanto para dentro como para fora da nossa terra. Nós todos sabemos a força, o valor que tem a nossa Emissora do Partido, que faz propaganda para a nossa gente e que nós devemos ser capazes de melhorar cada dia, porque esse é um elemento essencial, um meio essencial para a nossa propaganda, para propagarmos a nossa resistência.

E, no quadro da nossa acção, devemos levantar bem alto a bandeira contra o analfabetismo na nossa terra. Estamos contentes porque muitos camaradas já melhoraram os seus conhecimentos nesta luta. Muitos homens grandes da nossa terra aprenderam a ler e escrever, quanto mais os rapazes. Hoje é raro aparecer um bigrupo que não tenha alguém que não sabe ler e escrever, mas antes eram muitos os que não sabiam ler nem escrever. Havia muitos bigrupos em que quase ninguém sabia ler e escrever. Devemos reforçar cada dia a aprendizagem.

Mas há muitos camaradas que têm o segundo grau, o primeiro grau, o segundo ano, e então doutores que podem passar dias e dias com outros camaradas, sem fazerem nada, ou então descansando nas horas vagas, deitados ou contando «passadas», sem se lembrarem de dizer: camaradas vocês não sabem nada, venham cá, que eu vou ensinar-vos. Ou se sabem um bocado venham que vos ajudo a aprender mais um bocado. Mas os camaradas não pensam nisso, preferem contar «passadas», passear no mato, ou em Conakry ou em Ziguinchor, ou em Dakar.

Devemos trabalhar muito para construirmos uma vida nova na nossa terra, camaradas. Devemos, por exemplo, e o Partido já começou a fazê-lo, espalhar na nossa gente, a ideia da limpeza, da higiene, como se diz. O nosso povo é limpo, gosta muito de tomar banho, gosta de limpar os dentes, sempre, mas não são todos. Há os que não gostam muito e até mesmo podem tomar banho, mas meterem-se na lama depois, por causa de certas coisas. Temos que trabalhar para mostrar ao nosso povo que a sua vida, o prolongamento da sua vida, também depende muito da limpeza da sua casa. Se um povo vive misturado com a sujeira e outras coisas, está mal, porque esse meio é bom para aqueles bichos que fazem mal ao homem, crescerem à vontade. Para as moscas e outros bichos que trazem muitas doenças. Devemos explicar ao nosso povo as normas de higiene. Esse é um aspecto fundamental da nossa resistência cultural.

Começamos com as nossas brigadas de saúde, mas até onde as levamos? Pouco trabalho em relação àquilo que era preciso fazer. Mas o comissário político deve ser um agente de higiene, a segu-

rança deve ser um agente de higiene, o comandante das Forças Armadas, deve ser um agente de higiene. Chegue onde chegar, deve exigir que se limpe. Mas mesmo em Boké, por exemplo, ou num lar, fora, os camaradas responsáveis que passam encontram tudo sujo e não dizem nada. Só um ou outro se preocupa com a limpeza. Não pode ser tão sujo, é preciso limpar, varrer. Temos que desenvolver isso no nosso espírito, camaradas, limpeza, higiene.

Cada responsável ou militante do Partido, deve ser um agente de higiene na nossa terra. Em qualquer lugar onde chegar, tem que exigir limpeza, e ele como bom responsável, deve ser o primeiro a pegar na vassoura se for preciso, para limpar para mostrar aos outros que não tem vergonha, que está a lutar pela sua terra, está a dar a sua vida para a nossa luta, mas não é capaz de viver no meio da sujeira, porque ninguém pega para limpar, porque limpar é descer de categoria. Como é que isso pode indicar ao nosso povo o caminho de facto para levantar, para sair da sujeira?

Porque se queremos uma resposta para a nossa luta, se pudemos dizer que a nossa luta, na Guiné e em Cabo Verde é para não termos mais nenhum desgraçado, também podemos dizer que é para não haver mais nenhuma porcaria, para acabarmos com a porcaria e a promiscuidade no nosso meio. Quando acabarmos com isso, já teremos avançado muito na nossa luta. Chegamos a dizer aos camaradas que convencessem a nossa gente a fazer latrinas, por exemplo. Isso não quer dizer que as latrinas é que mostram o progresso, não, a latrina não é nenhum progresso, um povo que faz as suas necessidades no mato pode ser mais avançado do que um povo que tem latrinas. Mas na

medida em que se fizerem latrinas, deve-se ir avançando noutros campos, porque quando se afasta o sítio das necessidades, está-se a evitar doenças para o nosso povo. Porque sabemos que há sítios onde, para uma pessoa passar, tem que tapar o nariz, senão ... Mas em outros países africanos também, é assim; mesmo nalgumas cidades, há sítios onde ao passar é preciso tapar o nariz. Sujeira para todo o lado. Nós que estamos dispostos a morrer numa luta, para o nosso progresso e a felicidade do nosso povo, temos que ser capazes de limpar, porque é mais fácil limpar do que morrer.

Claro que nas nossas escolas temos que tirar tudo quanto era feito pelos colonialistas, que mostram a mentalidade dos colonialistas. Começamos a fazê-lo já, editando livros novos, falando do nosso Partido, da nossa luta, da nossa terra, do presente e do futuro do nosso povo dos direitos do nosso povo. Há camaradas que pensam que para ensinar bem às nossas crianças, não devemos falar do nosso Partido. Qual história! A pedagogia que quer isso, não é pedagogia nenhuma. Para nós pedagogia é aquilo que ensina as crianças a nossa luta, os direitos do nosso povo, o Partido, o Hino do nosso Partido, o valor do nosso Partido, além do A, B, C, o Gato e a raposa, o Lobo e o Chibinho, etc.. Mas o Partido deve estar lá também presente; a direcção do Partido, os dirigentes do Partido, a força da nossa luta, a força do nosso povo, a força do nosso Partido, os deveres da nossa gente.

No meu tempo de escola, ensinava-se o nascimento de Jesus Cristo, que Virgem Maria teve um filho ficando virgem e eu até repetia isso, e até parece que entendia disso naquele tempo. O

milagre de ascensão, nos livros adoptados naquele tempo, milagres, como milagres, das rosas e tudo o mais. Porque é que, se naquele tempo se ensinavam os milagres às crianças, nós não podemos ensinar esse milagre maior na nossa terra: homens e mulheres que se reuniram para mobilizar o nosso povo para a luta, para acabar com o sofrimento, com a miséria, com a desgraça, com as bofetadas, ou ponta-pés, o trabalho forçado, etc? Quem não é capaz de entender isso? Qualquer menino é capaz de entender isso.

E nós devemos fazer de cada responsável do Partido e cada militante do Partido que tem algum conhecimento, um professor. Não é só professor das escolas que tem obrigação de ensinar; qualquer um, comandante, membro da direcção do Partido, comissário político, de segurança, enfermeiro, qualquer um, tem obrigação de ensinar, ensinar sempre, falando ou esclarecendo, explicando, ajudando, camaradas. Só assim é que podemos ir para diante. Não devemos deixar o trabalho de ensinar só aos professores. Devemos aproveitar cada conversa de um camarada — e os camaradas que lidaram muito comigo, que me conhecem bem, sabem que é assim que eu costumo agir na vida — cada conversa de um camarada, seja de que nível for, fazer dela um estudo, uma lição. Um ou outro, aprende. Cada conversa nossa, tem que ser uma lição, assim podemos ganhar tempo, podemos avançar. Mas se nos sentar nos apenas para «contar passadas» do «pelou», de Mansoa, ou doutro lado, sem pensarmos em aprender, perdemos tempo e não avançamos, camaradas.

Devemos evitar o complexo de superioridade da parte daqueles que sabem alguma coisa e o

complexo de inferioridade da parte daqueles que não sabem. Porque uma pessoa que é capaz de ensinar, não deve afastar-se de ninguém, quanto mais agora do nosso povo. Pelo contrário deve mergulhar no nosso povo cada vez mais. Eu expliquei aos camaradas por exemplo, aos camaradas que vão estudar e voltam: até agora tem havido duas tendências: uma é a daquele que vem, que se infiltra no meio da nossa gente, mas confunde-se tanto com a nossa gente, que só faz os erros próprios da nossa gente. Outros vêm engenheiros formados, e querem logo ser dirigentes. Era o Bôbô Keita que mandava? Mas como o Bôbô não tem o meu nível, eu sou engenheiro ele quase não foi à escola, de maneira que tem de ficar de fora, só faz erros, etc., etc., atrapalhou o trabalho do nosso Partido, estragou tudo. São dois extremos que nós não queremos. O que nós queremos é que aqueles que foram estudar, que adquiriram mais conhecimentos é que respeitem os nossos dirigentes, porque eles é que são os dirigentes de facto, mesmo se não foram à escola. Mas se viu alguma deficiência, deve penetrar no meio de camaradas para ajudar a levantar cada vez mais, a melhorar o nível das nossas coisas. Isso é que é duma pessoa que sabe mais, que aprendeu mais do que os outros e que nos vem ajudar. Misturar-se, confundir-se, mas não esquecer que é preciso ajudar a levantar, a levantar cada dia mais.

Contra o oportunismo na cultura: o problema do ensino das línguas

Devemos combater tudo quanto seja oportunismo, mesmo na cultura. Por exemplo, há cama-

radas que pensam que, para ensinar na nossa terra é fundamental ensinar em crioulo já. Então outros pensam que é melhor ensinar em fula, em mandinga, em balanta. Isso é muito agradável de ouvir, os balantas se ouvirem isso, ficam muito contentes, mas agora não é possível. Como é que vamos escrever balanta, agora? Quem é que sabe a fonética do balanta? Ainda não se sabe é preciso estudar primeiro, mesmo o crioulo. Eu escrevo por exemplo, *n'ca na bai*. Um outro pode escrever por exemplo, *n'ka na bai*. Dá na mesma. Não se pode ensinar assim. Para ensinar uma língua escrita, é preciso ter uma maneira certa de a escrever, para que todos a escrevam da mesma maneira, senão é uma confusão do diabo.

Mas muitos camaradas, com sentido oportunista, querem ir para a frente com o crioulo. Nós vamos fazer isso, mas depois de estudarmos bem. Agora a nossa língua para escrever é o português. Por isso é que tudo vale a pena falar-se aqui, tanto o português como o crioulo. Não somos mais filhos da nossa terra se falarmos crioulo, isso não é verdade. Mais filho da nossa terra é aquele que cumpre as leis do Partido, as ordens do Partido, para servir bem o nosso povo.

Ninguém deve ter complexo porque não sabe balanta, mandinga, pepel ou fula ou mancanha. Se souber melhor, mas se não sabe, tem que fazer com que os outros o entendam, mesmo que for com gestos. Mas se está a trabalhar bem no Partido, vai para a frente. Porque quem é que sabe mais manjaco do que o traidor Joaquim Batican? Camaradas quem sabe mais fula do que o traidor Sene Sané, quem sabe mais «dotorindade» dos fulas do que o traidor Tcherno Rachid? Camaradas, tenham paciência, mas quem é que sabe

mais balanta que o traidor Fuab? Temos que ter coragem de contar aos camaradas as coisas claras. Os nossos valores, sim senhor, mas sem oportunismo.

Temos que ter um sentido real da nossa cultura. O português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram, porque a língua, não é prova de mais nada, senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros, é um instrumento, um meio para falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo. Assim como o homem inventou o rádio para falar à distância, sem falar com a língua, só com sinais, o homem através do tempo do seu desenvolvimento, começou a falar, a necessidade de comunicar-se fê-lo começar a falar. Desenvolveu as cordas vocais, etc., até falar. E como a língua depende do ambiente em que se vive, cada povo criou a sua própria língua.

Se repararmos, por exemplo, na gente que vive perto do mar, a sua língua tem muita coisa relacionada com o mar, quem vive no mato, a sua língua tem muita coisa relacionada com as florestas. Um povo que vive no mato, por exemplo, não sabe dizer bote, não conhece o bote, não vive no mar. Por exemplo, na língua de certos povos da Europa, as coisas do mar, da navegação, dizem-se como em português, porque os portugueses viviam junto do mar. Tudo isso tem a sua razão de ser.

A língua é um instrumento que o homem criou, através do trabalho, da luta, para comunicar com os outros. E isso deu-lhe uma grande força nova, porque ninguém mais ficou fechado consigo mesmo, passaram a comunicar uns com os outros, homens com homens, sociedades com sociedade,s

povo com povo, país com país, continente com continente. Que maravilha! Foi o primeiro meio de comunicação natural que houve, a língua. Mas o mundo avançou muito, nós não avançamos muito, tanto como o mundo e a nossa língua ficou ao nível daquele mundo a que chegámos, que nós vivemos, enquanto o tuga, embora colonialista, vivendo na Europa, a sua língua avançou bastante mais do que a nossa, podendo exprimir verdades concretas, relativas, por exemplo, à ciência. Por exemplo nós dizemos assim: a lua é um satélite natural da terra. Satélite natural, digam isso em balanta, digam em mancanha. É preciso falar muito para o dizer, é possível dizê-lo, mas é preciso falar muito até fazer compreender que um satélite é uma coisa que gira à volta de outra. Enquanto que em português, basta uma palavra. Falando assim qualquer povo no mundo entende. E a matemática, nós queremos aprender matemática, não é assim? Por exemplo, raiz quadrada de 36. Como é que se diz raiz quadrada em balanta? É preciso dizer a verdade para entendermos bem. Eu digo por exemplo: a intensidade de uma força é igual à massa vezes a aceleração da gravidade. Como é que vamos dizer isso? Como é que se diz aceleração da gravidade na nossa língua? Em crioulo não há, temos que dizer em português.

Mas para a nossa terra avançar, todo o filho da nossa terra daqui a alguns anos tem que saber o que é aceleração da gravidade. Não explico isso agora, porque não há tempo, temos muito trabalho. Mas camaradas, amanhã, para avançarmos a sério, não só os dirigentes, todas as crianças de 9 anos de idade, tem que saber o que é a aceleração da gravidade. Na Alemanhã, por exemplo, todos

os meninos sabem isso. Há muita coisa que não podemos dizer na nossa língua, mas há pessoas que querem que ponhamos de lado a língua portuguesa, porque nós somos africanos e não queremos a língua de estrangeiros. Esses querem é avançar a sua cabeça, não é o seu povo que querem fazer avançar. Nós, Partido, se queremos levar para a frente o nosso povo durante muito tempo ainda, para escrevermos, para avançarmos na ciência, a nossa língua tem que ser o português. E isso é uma honra. É a única coisa que podemos agradecer ao tuga, ao facto de ele nos ter deixado a sua língua depois de ter roubado tanto na nossa terra. Até um dia em que de facto, tendo estudado profundamente o crioulo, encontrando todas as regras de fonética boas para o crioulo, possamos passar a escrever o crioulo. Mas nós não proibimos ninguém de escrever o crioulo, se alguém quiser escrever uma carta ao Tchutchu em crioulo, pode escrever. Somente ele na resposta que lhe mandar, vai escrever de maneira diferente, mas faz-se compreender. Mas para a ciência, o crioulo ainda não serve. Mesmo em balanta, lembro-me de um camarada nosso, que infelizmente morreu. Ongo, nós escreviamos em português, passávamos para crioulo e ele escrevia em balanta. Porque é possível escrever balanta, uma pessoa que sabe bastante português é capaz de escrever balanta. Diz-se por exemplo Watna ou, então, n'ca-losa. Eu sei escrever mas escrevo à minha maneira. Outra pessoa já escreve à sua maneira. Mesmo «djarama» em fula pode escrever-se com d e j ou pode escrever-se só com j, mas lê-se djarama porque o J no começo da palavra pode ter o valor de dj. Mas temos que arranjar uma regra, como em mandinga ou noutras línguas, é preciso arranjar

uma regra primeiro. Tem que ser camaradas, porque temos de tirar o máximo proveito da experiência de outros povos, não só da nossa própria experiência. Mas se quisermos empregar essa experiência para a utilizarmos na nossa terra, temos que utilizar as expressões de outras línguas. Ora, se temos uma língua que pode explicar tudo isso, usêmo-la, não faz mal nenhum.

Para nós tanto faz usar o português, como o russo, como o francês, como o inglês, desde que nos sirva, como tanto faz usar tractores dos russos, dos ingleses, dos americanos, etc., desde que tomando a nossa independência, nos sirva para lavrar a terra. Porque a língua é um instrumento, mas pode acontecer que tenhamos já uma língua que pode servir e que toda a gente entende. Então não vamos pôr toda a gente a aprender russo não vale a pena, tanto mais que temos uma língua que é o crioulo, que é parecida com o português. Se nas nossas escolas ensinamos aos nossos alunos como é que o crioulo vem do Português e do africano, qualquer pessoa saberá português muito mais depressa. O crioulo prejudica quem aprende português, porque não sabe qual é a ligação que existe entre o português e o crioulo, mas se se conhecer a ligação que há, isso facilita aprender o português.

Temos que acabar com toda a indiferença da nossa gente em matéria de cultura, com consciência nas nossas decisões, na nossa determinação de fazer as coisas. Já conseguimos combater isso. E devemos evitar que, porque uma coisa é do estrangeiro, já é boa e temos que a aceitar imediatamente. Ou então porque é estrangeiro, não vale nada, vamos recusar. Isso não é cultura, isso é uma mania, é um complexo, seja de inferioridade

ou de estupidez. Devemos saber diante das coisas do estrangeiro, aceitar aquilo que é aceitável e recusar o que não presta. Devemos ser capazes de fazer a crítica. E a nossa luta, se repararmos bem, tem sido, numa parte da nossa acção, a aplicação constante do princípio da assimilação crítica, quer dizer aproveitar dos outros, mas criticando aquilo que pode servir para a nossa terra e aquilo que não pode servir. Acumular experiência e criar.

Estes são alguns aspectos da nossa resistência no plano cultural, de que eu queria falar aos camaradas.

4. Resistência Armada

Camaradas,

Uma parte do nosso trabalho de ontem e de hoje, foi destinado a pôr a claro o problema da nossa resistência em geral, como resposta à opressão colonial portuguesa, e a definir, embora rapidamente várias formas de resistência da nossa luta, sendo cada forma um tipo de resposta a um tipo de opressão portuguesa: opressão política, resposta: resistência política; opressão económica, resposta: resistência económica; opressão cultural, resposta: resistência cultural. Falta-nos falar um bocado sobre a nossa resistência armada que é a resposta à opressão armada, à agressão colonialista. Isso claro que os camaradas conhecem em geral, e é mais visível do que os outros tipos de resistência.

Já conversámos sobre o começo da nossa resistência armada: dissemos aos camaradas que a nossa resistência armada, por um lado, é um acto político, porque a guerra que estamos a fazer na nossa terra é uma resposta à guerra dos

tugas, mas sobretudo, a única maneira que encontramos para conquistarmos os nossos direitos políticos de mandar em nós mesmos, do nosso povo determinar o seu próprio destino e de avançarmos, como outros povos do mundo, no caminho do progresso. Hoje ainda vos lembrei que a nossa resistência armada é também uma expressão da nossa resistência cultural, porque nós negámos, com a nossa resistência armada e correndo riscos da nossa vida cada dia, negámos a situação de *portugueses de segunda classe*, se não de terceira ou de cachorros de portugueses que os estrangeiros colonialistas portugueses nos queriam impor. Nós que adquirimos, pelo trabalho do nosso Partido, a consciência de que somos uma parte do povo africano, que pertencemos a este continente que se chama África, que o nosso destino, embora sejamos homens como todos os homens, ligados profundamente à humanidade, o nosso destino está em primeiro lugar ligado à África e, como africanos e homens, temos direito a uma vida digna e livre, como o povo de Portugal ou qualquer outro povo do mundo. A nossa personalidade não se confunde com a personalidade dos tugas, embora alguns de nós possam ser filhos de tugas, ou descendentes de tugas misturados com africanos, embora não desprezemos os tugas. Nós queremos a nossa dignidade, a nossa própria personalidade, em defesa não só dos nossos direitos, mas também daquilo que é a base válida da cultura do nosso povo.

Mostrámos ainda aos camaradas que a nossa resistência armada, ao fim ao cabo, pode ser interpretada como prolongamento da resistência do nosso povo — na Guiné particularmente, porque a Guiné foi conquistada pelos tugas — à guer-

ra da conquista colonial, que levou quase 50 anos na nossa terra. Hoje pegámos de novo em armas, continuando a luta dos nossos antepassados, que não queriam perder o seu direito de decidirem eles mesmos da sua vida. Em relação a Cabo Verde, podemos interpretar a nossa luta, ainda hoje política, mas possivelmente amanhã armada também, como o prolongamento da resistência daqueles africanos, filhos da Guiné ou de qualquer outro lado da África perto da Guiné, que foram levados para Cabo Verde como escravos, e que como escravos, resistiram, sofreram, negando, lutando contra a dominação dos escravizadores tugas que os venderam na América, no Brasil e neutras partes do mundo, como se fossem bichos.

Portanto devemos concluir que, o primeiro aspecto da nossa resistência armada, é o prolongamento duma luta, no sentido da defesa da nossa dignidade de africanos. Temos portanto, uma tradição de luta, para defendermos a nossa liberdade, os direitos da nossa sociedade, a nossa própria história, para seguirmos no caminho do progresso, como qualquer outro povo do mundo.

Nós sabemos quem somos, já nós falámos muito disso, definimos claramente a nossa situação geográficamente, economicamente, culturalmente e socialmente, antes e depois dos tugas chegarem à nossa terra. Antes da situação colonial e depois da situação colonial.

Evolução histórica do continente africano

Nós fazemos parte de um conjunto de povos do continente africano que, a partir do momento em que o caminho da Ásia, do Oriente, através do Mediterrâneo, foi fechado pelo Império Turco que

conquistou a Europa do Sul, a Europa do Leste e a Ásia Menor, entrámos em contacto com a Europa, porque a Europa, cercada pelos Turcos, teve a necessidade de abrir caminhos novos, para chegar ás riquezas da Ásia a que já se habituara a comprar, a negociar, a explorar. A partir desse momento, particularmente, os portugueses, porque estavam situados na ponta da Europa, sobre o mar, começaram com as chamadas descobertas (navegações). O tuga tem a mania de que foi Deus que lhe traçou o caminho das mares para descobrir terras, para descobrir mundos novos. Isso é mentira. Os tugas foram para o mar, primeiro porque estão á beira-mar, segundo porque Portugal era pobre e tinha muita gente para empregar como marinheiro contrariamente a outros países da Europa, que tinham menos gente disponível para a vida do mar. Terceiro, mas fundamentalmente, porque a Europa, tinha necessidade absoluta de ir para o mar, para buscar o caminho das Índias. Nenhum Deus traçou aos tugas o caminho do mar. Basta ver que, depois disso acabou, os tugas viraram pobres, desgraçados, com menos marinha que qualquer outro país no mundo que não tinha marinha. Devemos pôr isso claro, quais foram os factos que levaram ao nosso contacto com os tugas.

Os tugas, no começo, tiveram contacto com os povos da África, na base da igualdade e nalguns casos mesmo na base da inferioridade dos tugas, porque alguns países da Africa, naquela ocasião, estavam verdadeiramente mais desenvolvidos que Portugal. Contâmo-vos já que o rei do Ghana, por exemplo, ou de Mombaça ou Melinde, na Costa da Africa Oriental, o rei do Congo, espantaram-se um bocado com a miséria dos tugas, com os presentes que o seu rei lhes mandava, comparados com os

presentes que eles podiam mandar ao rei de Portugal. Bonitas cartas, que os reis de Portugal escrevi- am aos reis da África, a pedir boas relações com eles, gabando-os, convidando-os, com respeito. E isso já foi demonstrado, os reis de Portugal davam sempre as suas ordens escondidas, recomendando á sua gente para ver bem a maneira de enganar, de roubar, etc. . . Os tugas tiveram relações connosco, africanos, relações de comércio no litoral das nossas terras de África, na base de igualdade e do respeito. Mesmo passado bastante tempo, na Guiné, por exemplo, havia ainda acordos assinados entre reis pepéis e portugueses, para o comércio. E os tugas para comerciarem na nossa terra ou noutras partes de África, pagavam impostos, como aliás, outros países, que depois se transformaram em países colonialistas e imperialistas.

A pouco e pouco, a Europa transformou-se, avançou do ponto de vista comercial, desenvolveu-se industrialmente, sobretudo a Inglaterra, novas necessidades foram criadas na Europa, com grande desenvolvimento do capitalismo. Acumulação de capitais, necessidade de novas matérias primas para poderem desenvolver ainda mais a Europa, e para responderem ás misérias da Europa, e, ao mesmo tempo, a necessidade de mercados para venderem as coisas que a Europa produzia. Antes disso, por causa das guerras que havia em África, entre africanos mesmo, (a área da nossa terra era também uma área de muitas guerras, sobretudo a partir do Futa-Djalén para dentro, onde vários estados africanos de aristocracia militar, brigavam uns com os outros para conquistarem terrenos para pastagem, para lavou- ra etc., havia muitos prisioneiros de guerra que eram usados como escravos. Na África mesmo, o

sistema económico e social era de escravatura, embora com características próprias, diferentes da escravatura noutros continentes.

Ainda hoje existe o sistema de escravatura em África. Aliás se repararem bem, os rapazes dum régulo, não são mais do que escravos, camaradas. Os rapazes de alguns «grandes» da nossa terra, no mato, são como escravos. Dão-lhes comida, têm filhos, mas todos os filhos são criados daquele mesmo homem «grande». Os filhos dos filhos dos filhos deles, são sempre criados. Isso chama-se escravatura. Então para nós africanos, com a nossa ideia de escravatura, estávamos abertos para arranjar escravos para outra gente.

Nesse momento, a América tinha sido descoberta e algum tempo depois começou a ser colonizada. O Brasil, na América do Sul, ilhas como Cuba, Jamaica, as chamadas Índias Ocidentais, alguns países da América Latina, sobretudo na América Central, e, como disse a América do Norte, colonizada pelos Ingleses. No Brasil e na parte Sul da América do Norte onde o clima é um bocado duro, ainda muito atrazado, a agricultura tomou um caminho de trabalho sério, e os europeus que saíram da Europa para irem colonizar eram muito finos, porque saíram da Europa expulsos, perseguidos, por causa da religião, por causa da política, por causa da luta de classes na Europa. Então, esses, não queriam pegar na enxada para lavrar o chão, e saíram pelo mundo à procura de gente para lavrar para eles. A África era um campo aberto para isso, porque havia escravatura em África, os africanos estavam habituados a comprar e a vender escravos. E então, os tucas, navegadores do mar Atlântico, outros como os franceses, holandeses, etc., acostumados, à pirataria

que faziam no mar, passaram, em vez de fazer pirataria, em vez de roubarem no mar ou em terra, passaram a comprar ou a caçar escravos em África, para venderem na América ou Novo Mundo. Novo tipo de comércio começou: a escravatura.

Levou bastante tempo a escravatura, durante o qual mais de cem milhões de africanos foram vendidos através do mundo, mas dos quais uma grande parte, segundo investigações morreu no meio do mar, ou por fraqueza, ou em naufrágios. Os homens e mulheres da África, foram levados para vários pontos do mundo, sobretudo para a América.

Passado esse tempo todo, começaram as rixas entre ingleses por um lado com alguns outros países da Europa também, e a América por outro lado, por causa da concorrência económica. Porque a América levantava-se numa base de facilidades que era o trabalho escravo, enquanto que na Inglaterra, por exemplo não tinha escravos, era preciso pagar salário no duro. Então surgiu na Inglaterra, não como um sentimento de humanidade, mas como necessidade económica para combater o avanço do desenvolvimento da América, a ideia de acabar com a escravatura.

Foram lançadas grandes teorias de que a escravatura era um crime contra a humanidade. É verdade, é um crime, mas há muito tempo que era crime.

É preciso acabar com a escravatura, grande propaganda, reuniões internacionais, etc., até que se chegou ao ponto em que a escravatura foi proibida. Mas Portugal, já também teimoso naquele tempo foi durante bastante tempo continuando com o seu negócio de escravatura, com um bom armazém de escravos nas Ilhas de Cabo Verde, no

Oceano Atlântico. Outros eram levados para Portugal. Em Portugal ainda há sítios que têm o nome de negro, porque lá havia muitos escravos. Há por exemplo, o Poço dos negros, porque havia aí muitos negros guardados como escravos e que depois do fim da escravatura, ficaram livres, continuando em Portugal. Mesmo no Alentejo há uma aldeia, onde há muitas pessoas mulatas, descendentes dos africanos que o Marquês de Pombal mandou para aí, para povoar o Alentejo.

Combatendo a escravatura na Europa, as ideias de liberdade de escravos avançaram na América também e a escravatura foi proibida no mundo. A América do Norte, era industrializada e o Sul produzia matérias primas, com base na mão de obra escrava. Surgiu a ideia, para defender os interesses industriais e económicos do Norte, surgiu a ideia de acabar com a escravatura. Para poderem tirar aos grandes senhores, donos das terras e dos escravos do Sul, as facilidades de vida que prejudicavam os interesses dos donos da indústria no Norte. Então Lincoln, presidente da América do Norte, decidiu acabar com a escravatura. Houve guerra por causa disso. O Sul imediatamente declarou que já não fazia parte dos Estados Unidos, que não queria federação nenhuma, que ia ser um estado independente, conservando os seus escravos. Surgiu a guerra, uma guerra dura, entre americanos e americanos, dizendo que era por causa dos escravos, porque o Norte queria libertar os escravos. Mentira. O Norte queria acabar com as regalias do Sul que tinha escravos e eles não tinham.

E se estudarmos bem, reparamos que, mesmo a origem dos europeus da América, no Norte, era uma, no Sul era outra. Os nomes das terras no Nor-

te têm uma certa origem e no Sul têm outra. No Sul há muitos termos, franceses e de outros países. Porque os americanos, vocês sabem não são da América. Americanos de facto, são os índios, que foram quase todos mortos pelos europeus. Os chamados Índios da América, não eram índios nada, eram peles vermelhas, que se chamam índios, porque Cristovão de Colombo, descobriu a América, ele pensava que tinha chegado à Índia, e quando viu gente chamou-lhe *índios* e ficaram com esse nome, mas não são índios nada.

A blocagem da nossa história na Guiné e Cabo Verde

Camaradas,

Nova fase surgiu no mundo, em que a escravatura acabou. O mundo ficou transformado com isso. Mas entretanto, na Europa, o capitalismo desenvolveu-se muito, com grandes acumulações de capital, o desenvolvimento industrial, a necessidade de mercados, e então alguns Estados europeus mais desenvolvidos resolveram o seguinte: Tomar a África de facto, acabar com a história do pequeno comércio, contratos pequenos e respeito pelos africanos. Os estados europeus, a Inglaterra, a Alemanha, a França, e a Bélgica por exemplo, começaram com rixas para ver quem é que ia tomar a África. Procuraram fazer a partilha da África. Primeiro na base de companhias que foram criadas, depois os próprios Estados, através de guerras coloniais de ocupação. A História é longa, não vou contar tudo, mas assim é que as nossas terras viraram colónias, ocupadas pelos colonialistas.

Mas a partir daquele momento, que estivessemos ou não desenvolvidos, avançados, em relação á Europa, a nossa História parou. Passamos a ser arrastados pela História dos países da Europa. A nossa História, a nossa liberdade e a liberdade das nossas forças produtivas foram tomadas, abafadas, pelos colonialistas. Claro que nesse caminho eles tiveram grandes facilidades, porque nós estávamos sempre divididos. Vocês sabem que na Guiné, por exemplo, os tugas lutaram contra nós, um por um, derrotando-nos um por um, raça por raça, e utilizando umas raças contra as outras. Podemos dizer, que se porventura alguns manjacos não ajudassem os tugas contra os próprios manjacos, talvez fosse difícil os tugas vencerem os manjacos. Podemos dizer que se os fulas não ajudassem os tugas contra os pepeis, e sobretudo se Honório Barreto não enganasse os pepeis de Bissau, servindo os tugas camaradas, talvez os tugas não se tivessem instalado na nossa terra.

Muita gente não conhece bem o papel que Honório Barreto desempenhou na conquista da Guiné, pelos tugas. Honório Barreto, filho de nha Rosa de Cacheu, badia de Santiago de Cabo Verde e de João Barreto, sargento da tropa dos portugueses, preto, nascido na Guiné e descendente de caboverdianos, mistura de caboverdianos com manjacos como aliás dizem que nha Rosa é filha de um caboverdiano e uma manjaca, que foi levada para Cabo Verde, nha Rosa dona de Cacheu e de relação com indígenas de África; desde os lados de Teixeira Pinto, Cacheu, etc., até ao fim de Casamansa, quer dizer, até ao rio que nessa altura se chamava o rio de S. Domingos, que é o rio de Casamansa, hoje em dia. Ela tinha tanta simpatia no meio dos africanos, que tudo o que dizia, era acei-

te. Ela é que era a dona do comércio praticamente. Seu filho, Honório Barreto, foi educado, primeiro em Cabo Verde e depois em Portugal. Foi aluno da escola de matemáticas em Portugal. Não acabou os seus estudos, era bom tocador de guitarra, um bocado farrista, voltou para a Guiné, para tomar conta das coisas dos pais. João Barreto tinha sido preso antes, porque fez uma revolta contra o governo que lá estava, porque ele era democrata, não pela independência, mas a favor de outros portugueses, que eram democratas.

Depois da morte do pai, Honório Barreto, tomou conta das coisas da família, e era o homem mais rico da Guiné. Face á revolta dos pepeis — no chão dos pepeis naquela altura a Guiné e Cabo Verde tinham um só governo com sede na Praia — o governador geral de Cabo Verde e Guiné, fez uma proposta para a rainha, que era D. Maria naquela altura, em que dizia que, se ela queria que a Guiné ficasse em paz e que Portugal tivesse força na Guiné a sério, para acabar com as guerras era melhor pôr Honório Barreto como Governador. Eu li nos arquivos coloniais em Lisboa a carta que esse governador escreveu a D. Maria. Ele diz: — Tenho a honra de propôr à nossa rainha, para escolher como governador da Guiné, embora sob as minhas ordens, o jovem chamado Honório Barreto, ilustrado, inteligente, com frequência de tal escola etc., etc., e que é tão português como qualquer um de nós. E aconselho isso, porque sendo ele a pessoa mais rica da Guiné, ele é que tem o maior interesse em conservar a presença de Portugal na Guiné.

A rainha viu isso e Honório Barreto foi nomeado governador da Guiné. Honório Barreto estabeleceu um plano de trabalho para a conquista da

Guiné pelos tugas: se ele tomasse a sério, Cacheu, Geba e Bissau para os tugas, ninguém mais seria capaz de tomar a Guiné e eles podiam dominar todas as revoltas indígenas. Ele viu esse plano muito bem, com inteligência.

Mas quando por exemplo, os portugueses apanhavam raiva dele porque era preto e mandava, ele fazia um grande truque, abandonava tudo voltava para a sua propriedade em Cacheu e fechava-se em casa. Quando os portugueses tinham dificuldades com os indígenas iam chamá-lo para evitar que os pepéis se revoltassem contra eles. Ele voltava. Uma vez por exemplo, o rei de Intim, cujo nome é N'Dongo, um dos mais fortes reis pepéis, cercou a Amura com a sua gente, a fortaleza de S. José de Bissau. E foi de tal maneira, que os portugueses morriam de fome, lá dentro, ninguém podia sair. Os barcos não chegavam a Bissau. Honório Barreto estava em Cacheu e foram chamá-lo. Veio gente de Cabo Verde, tugas que estavam em Cabo Verde, para o chamar. Ele aceitou e veio falar com o rei pepel e prometeu-lhe que os seus direitos seriam respeitados, que Portugal não tomaria a sua terra, de maneira nenhuma, e que lhe pagaria impostos etc.. Fez mesmo um contrato escrito. Enquanto isso, foi combinado com os tugas que grandes forças sairiam de Portugal, de Lisboa, para Guiné. Quando chegaram massacraram em grande os pepéis.

Doutra vez, num contrato que Honório Barreto fez, com o régulo de Djeu de Rei, aquele Ilheu diante de Bissau, para não aborrecer os tugas, a promessa seguinte: esse rei não se meteria com os tugas, não lhes faria guerra. Os tugas dar-lhe-iam tantas armas de fogo, tantas barras de ferro e tantos litros de cana, por ano. Isso está num contra-

lo assinado, arquivado em Lisboa, que eu li. Estou a dar-vos uma ideia, de como é que Honório Barreto soube de facto servir Portugal bem.

Com os seus planos, ele conseguiu de facto pôr a Guiné, nas suas mãos, entregá-la ou não aos tugas, conforme ele quisesse. Porque naquela altura em que ele tinha a Guiné completamente nas suas mãos, surgiram os ingleses e os franceses que também queriam a Guiné. Os ingleses queriam Bolama, e os franceses queriam vir de Casamansa para baixo, descer e tomar tudo. Honório Barreto foi um grande «patriota» português. Resistiu com força, não aceitou nenhuma promessa nem oferta que os franceses e ingleses lhe fizeram, guardou a Guiné inteira para os tugas. Os tugas têm razão em pôr a estátua de Honório Barreto na nossa terra. Sem Honório Barreto a Guiné não seria dos tugas. Isso é verdade. Mas nós devemos ter respeito por Honório Barreto.

Podemos criticá-lo na sua atitude, mas foi um homem de valor. Para aquela altura, com aquela mentalidade, como indivíduo que saiu do nosso povo, mas que foi educado por portugueses, no meio de portugueses, falando bom português, tocando a sua guitarra, cantando fados, etc., não tinha outra coisa a fazer, senão isso, camaradas. Esse era o seu trabalho e ele fê-lo bem feito, portanto era um homem de valor. Podemos hoje, não entender que descendentes de Honório Barreto, por exemplo; como Alvarenga (porque a nha Rosa chamava-se Rosa Alvarenga, João Barreto e Rosa Alvarenga deram os Carvalhos Alvarenga, etc., etc., Barreto, toda uma família, duas famílias, que se juntaram, formando gente fina da nossa terra, como o nosso camarada Barreto que está aí sentado), mas hoje não podemos entender

que algum descendente de Honório Barreto, diante deste fenómeno novo, de luta do nosso povo e da independência da África, a independência de todos os povos do mundo, com as lutas de libertação por todos os lados, possam ainda preferir os tugas. Se Honório Barreto pôde servir os tugas, isso talvez qualquer um de nós preferisse fazê-lo, se tivéssemos a sua educação e se tivéssemos vivido naquele momento da História em que ele viveu. Mas hoje os descendentes do Honório Barreto, que foram ou não à escola e preferem ainda os tugas; esses já não têm perdão.

Os camaradas viram portanto, de onde é que saímos, como é que caímos nas mãos dos tugas.

Quanto a Cabo Verde, os camaradas sabem, não houve conquista de Cabo Verde. Cabo Verde são Ilhas que foram «achadas» naquela altura, pelos tugas. Depois que eles encontraram a ponta de África, onde está hoje Dakar, e dada a sua verdura, pois na altura em que fora descoberta estava bastante verde, e como é um cabo, quer dizer, um pedaço de terra que entra pelo mar dentro, chamaram-lhe Cabo Verde, a essa ponta onde hoje fica Dakar. Passados poucos dias, avançando no mar, encontraram umas ilhas e como estavam junto de Cabo Verde chamaram-lhes Ilhas de Cabo Verde. Cada Ilha tomou o seu nome. A que foi descoberta no mês de Maio, chamaram ilha de Maio, a que foi descoberta no dia de S. Tiago, foi ilha de S. Tiago, a que tinha o terreno com muito sal, ficou ilha do Sal, outra por ser bonita de longe chamaram-lhe ilha da Boa Vista, etc., segundo a cristandade dos tugas, segundo a sua maneira de ver. Mas vocês sabem que a região em que está Dakar chama-se Région du Cap Vert. Em Dakar vê-se muita coisa onde está escrito Cap Vert e as pessoas

pensam que ali é Cabo Verde, e é por causa disso que vos dei esta explicação.

Em Cabo Verde não havia ninguém na altura em que foi descoberto. Mas há a hipótese de que Cabo Verde tinha gente antes, particularmente gentes da Costa de África, tanto manjacos, como lebus, pescadores lebus da Costa do Senegal, teriam chegado a ir até Cabo Verde, navegando nas suas canoas e hoje está provado que algumas dessas canoas são capazes de navegar longe como as canoas dos nhominças por exemplo. Além disso, há hipótese na História de que os fenícios, que eram um povo antigo que habitava a terra dos libaneses que nós chamamos sírianos, que é na Ásia Menor, e que fizeram a volta da África, naqueles tempos muito antigos há mais de mil anos fizeram o chamado périplo da África, dizem que passaram em Cabo Verde e que viveram lá.

A verdade é que quando os tugas encontraram as Ilhas de Cabo Verde no meio do mar, não encontraram lá ninguém. E quando a escravatura se desenvolveu, resolveram levar para lá escravos para fazerem de Cabo Verde um armazém de escravos. Quando a escravatura começou a acabar, cada ilha passou para as mãos de um branco importante, um Dom qualquer coisa, como donatário, dono da ilha, que pôs os escravos a serem explorados como escravos ou então explorados depois como criados, como servos na casa do dono da terra. Este foi o ponto de onde partimos, a situação que os tugas nos criaram em África.

Objectivo da resistência armada

Sabendo bem de onde partimos, temos que saber bem para onde vamos com a nossa luta arma-

da. A nossa luta armada, nós dissemos, é uma forma de luta política, que procura libertar a nossa terra da exploração económica colonial e imperialista. Este é que é o nosso objectivo fundamental. Libertar as forças produtivas da nossa terra, da opressão, da dominação colonial imperialista. Mas uma pergunta: Estamos a fazer isso para voltarmos para onde estávamos, para voltarmos para Cabo Verde como escravos, ou como servos, ou como gente servindo como criados? Estamos a fazer isso para voltarmos ao tempo em que os mandingos e pepeis brigavam muito em que os mandingos e balantas não se entendiam? Isso é um bocado difícil. Não, nós estamos a libertar a nossa terra para avançarmos como outros povos no mundo, para o progresso, para uma vida de dignidade, para a unidade da nossa terra, nacionalmente, para ajudarmos a levantar uma África nova e melhor. Esse é que é o objectivo da nossa luta, no quadro do mundo, da humanidade, a qual pertencemos como seres humanos.

Na nossa luta, portanto, um tiro que damos no quartel de Buba ou um tiro que damos num tuga, no caminho ou numa emboscada, é um acto político da primeira grandeza. Nós estamos a servir a humanidade, camaradas, estamos a servir o nosso povo, a nossa terra, a África, a humanidade. Esta é a nossa responsabilidade ao dar tiros, fazendo guerra na nossa terra, para libertarmos o nosso povo.

Por isso mesmo, temos que orientar, a nossa luta armada, da melhor maneira possível, de acordo com a realidade da nossa terra, de acordo também com a experiência de outros povos, desde que essa experiência seja válida para nós. Por isso mesmo temos que evitar e evitamos na nossa lu-

ta, tudo quanto possa diminuir a dignidade do ser humano. O nosso Partido proíbe na nossa luta, tudo quanto possa ser crime, tudo que, no nosso espírito, seja ódio, desejo de sangue. Nós fazemos sangue temos ódio mas ao colonialista que nos domina, sabendo bem o que é que estamos a fazer, claramente, para não confundirmos, camaradas. Por isso mesmo, temos dificuldades com os nossos irmãos felupes para os juntar a nós, porque na sua concepção, quando se mata alguém na guerra é preciso cortar a cabeça e as orelhas. Isso para nós é um bocado difícil. É fácil para os tugas. Por isso mesmo a nossa guerra é muito diferente de muitas guerras de África, camaradas. E o nosso inimigo, que é um criminoso da pior espécie, bárbaro, da gente da pior espécie, da gente pior que já apareceu no mundo, tem vergonha diante da pureza, da consciência elevada da nossa luta armada de libertação nacional.

Temos que combater na nossa luta, todas as ideias erradas, todas as ideias de oportunismo, e temos que defender ao máximo, a linha do nosso Partido, que vocês todos conhecem.

O nosso Partido soube que era preciso mobilizar o povo para a luta, organizar o povo para a luta, e mobilizou o povo, tinha que ser a primeira fase da nossa luta e nós fizemo-lo bem, camaradas. E se queremos de facto continuar com o nosso trabalho, temos que continuar sempre mobilizando e organizando o povo. Nós criámos grupos armados quase naturalmente, enraizados no meio do nosso povo, apoiados pelo nosso povo. Grupos que se desenvolveram pouco a pouco. Nós agimos contra o inimigo, desenvolvendo passo a passo a nossa luta, criando novos tipos de grupos de luta, melhorando as nossas armas, sempre apoiados no

nosso povo. Fizemos o máximo para estender a guerra a todas as áreas da nossa terra e hoje praticamente falta-nos só fazer a luta armada nas Ilhas: ilha de Bissau, ilha de Bolama, arquipélago de Bijagós, e arquipélago de Cabo Verde. Não há mais nenhum sítio na nossa terra em que não tenhamos feito luta armada. Mesmo em Bissau já atacámos e em Bolama, também. Ainda há dias atacamos Bolama os tugas disseram na sua Rádio.

Devemos ser capazes, através da nossa luta armada, da nossa resistência armada, de conservar as nossas forças, manter as nossas forças mas também cada dia, desenvolver as nossas forças. Quem faz uma resistência armada se não for capaz de conservar as suas forças e desenvolvê-las cada vez mais, acaba por perder, porque as forças duma luta armada ou se desenvolvem e avançam, ou então, desaparecem. E a melhor maneira de desenvolver forças, é estar sempre em acção.

A luta armada, a resistência armada, é quase como uma ginástica, quem tem mais forças faz mais ginástica, mais acção, mais movimento.

Infelizmente, muitos dos nossos camaradas não entenderam isso e são capazes de passar tempos e tempos sem fazerem uma acção, matando assim as nossas forças armadas, porque quanto menos acção um combatente faz, mais dificuldades tem em fazer outras acções.

Conseguimos a passo e passo, levar o nosso povo a pegar em armas, em três fases: primeira fase, os filhos do nosso povo, do mato ou da cidade, como guerrilheiros, pouca gente. A pouco e pouco aumentámos o número de guerrilheiros, transformámos as forças de guerrilha em Exército regular. Mas depois mesmo nas tabancas, pusmos armas nas

mãos do povo como Milícia. E hoje, pouco a pouco, devemos pôr o nosso povo inteiro, a nossa população das áreas libertadas pelo menos, com armas nas mãos. O povo em armas. Essa deve ser a característica fundamental duma resistência armada, dum povo que luta pela sua liberdade.

Qual é o objectivo? Destruir as forças do inimigo, arranjar todos os meios necessários para destruir as forças vivas do inimigo. A guerra é dura, não é agradável, é difícil, mas ninguém faz a guerra por gosto, e só um criminoso mata por gosto de matar. Mas a guerra é para matar, camaradas. Quem mais matar na guerra, e quem menos erros fizer, ganha a guerra. Por isso, o objectivo da nossa resistência armada, é o de liquidar as forças vivas do inimigo. A nossa obrigação é liquidar os tugas colonialistas, qualquer tuga que tenha armas nas mãos contra o nosso povo, contra a liberdade do nosso povo, deve ser liquidado.

E através da nossa luta, devemos orientar o nosso trabalho de maneira a perder poucas forças nossas. O nosso Partido tem procurado, de facto, tratar as tácticas da luta, além da nossa estratégia geral, de maneira a evitar ao máximo que os nossos camaradas morram na guerra. Devemos fazer na nossa guerra, aquilo que é possível fazer em cada etapa, mas preparando-nos hoje, para fazermos melhor na etapa seguinte. Essa tem sido a norma do nosso Partido. Temos recomendado o máximo de cuidado aos nossos camaradas, para agirmos contra o inimigo no momento em que de facto podemos agir, porque a terra é nossa. Mas devemos agir sempre porque é sempre possível agir em certas condições que nós próprios podemos criar.

Temos procurado ao máximo, preservar, conservar a vida dos nossos camaradas. E podemos

dizer que uma grande parte dos camaradas que já perdemos na nossa luta, foi por causa de erros cometidos pelos próprios camaradas. Erros de vigilância, erros de segurança, erros de cálculos de guerra, ou mesmo desobediência das palavras de ordem do Partido. Falta de cuidados nos caminhos que podem estar minados, falta de cuidados ao atravessar os rios que podem ter barcos do inimigo. Quantas vezes os camaradas chegam para atravessar o rio e em vez de terem comunicação com o outro lado, bem marcada, para vigiar o inimigo, chegam, metem-se na canoa e passam. A meio do caminho encontram-se com os tugas. Eu mesmo ao passar o rio Farim, de volta do Norte da nossa terra, antes de chegar a outra margem, um barco inimigo, apareceu na esquina do rio. Quando punhamos os pés em terra no meio do tarafe, o barco vinha atrás de nós. E sabemos que o camarada Luiz Cabral, por exemplo, já teve que se deitar à água, quase a morrer, com outros camaradas, porque o barco inimigo estava em cima deles. E quantos camaradas nossos perderam a vida por causa disso? Só falta de cuidado, falta de atenção, falta de certeza de que só se faz uma coisa bem, se ela for bem estudada. Confiança demasiada na sorte!

Houve camaradas que morreram, por exemplo, em bombardeamentos, por falta de atenção, falta de cuidados com os aviões, falta de seguir as regras do Partido — fazer abrigos, sair das bases. Na guerra morre-se, é normal morrer na guerra, quem vai à guerra sabe que pode viver ou morrer, mas pode-se morrer mais ou menos, consoante os erros que se comete, consoante se segue ou não, a direcção que o Partido traça, que quem dirige traça, para se poder preservar a vida. E preservar a

vida não quer dizer cobardia, não quer dizer negar a guerra. Tantos camaradas já morreram fora da guerra, durante esta luta, mas tantos camaradas também que fora da terra já morreram e que se estivessem dentro da terra talvez não morressem. Camaradas que às vezes estão na frente de combate durante anos, que um dia largam e vão à sua tabanca. Acabam de chegar, os tugas matam-nos. Portanto não devemos ter medo de morrer na guerra, mas morrer com resultado, com utilidade, não morrer à toa (a monton), só porque se fia na sorte.

Temos orgulho de facto de que na nossa guerra, comparada com outras guerras, quer em África quer fora da África, tem morrido muito pouca gente, em relação àquela que podia morrer, nas nossas condições concretas. O nosso Partido tem sabido orientar a luta, reduzindo ao mínimo a perda dos nossos camaradas. E aqueles que são feridos, temos feito ao máximo, a sua recuperação. Esta é uma das forças da nossa luta. Portanto, devemos não só defender-nos, agindo sempre, porque a melhor defesa numa luta armada como a nossa, é a acção, a melhor defesa é o ataque, mas também nós devemos defender todas as conquistas da nossa luta. Embora não devamos confundir ou ficar agarrados ao terreno só para defender uma área libertada, em vez de irmos para a frente e atacarmos os tugas nos seus quartéis. Devemos criar meios próprios para defender áreas libertadas, mas as áreas libertadas não podem impedir-nos de avançar para o inimigo para lhe darmos cada vez mais golpes.

Transformação das estruturas da guerra

À medida que a guerra avança, o nosso Partido tem sido capaz de transformar a estrutura da nossa guerra. Os camaradas devem lembrar-se bem do que era a luta no começo. A pouco e pouco nós modificámos os grupos de guerrilha, criámos corpos do Exército ou Unidades do Exército, criámos comandos, começámos a coordenar a luta, no quadro de zonas, de regiões diferentes. Antes por exemplo, o comando das nossas Forças Armadas era o Comité do Partido, mas à medida que as nossas Forças Armadas cresceram, a guerra avançou mais e tivemos que separar a Direcção local do Partido da direcção das Forças Armadas, embora aqueles que dirigem as Forças Armadas sejam também dirigentes do Partido. Criámos frentes de luta, Corpos do Exército, passando por sectores de luta, etc., etc., e tudo isso mostra aos camaradas, como é que a nossa luta tem sido dinâmica. E uma das forças da nossa luta é, o seguinte: é que nunca nós deixámos a nossa luta cristalizar, quer dizer, parar num dado estádio de evolução. Pelo contrário, temos sabido sempre adaptar a luta a novas condições de luta. Temos sabido passar da pistola até ao morteiro, mais isso foi também modificar toda a estrutura, até chegar ao morteiro. Temos sabido mudar os tipos de luta, passar para novas frentes de luta, abrir novas frentes de luta no momento em que é preciso fazê-lo. Às vezes claro, nas nossas condições, com um bocado de de atraso. Mas às vezes também cometemos erros, como por exemplo, quando criámos unidades a que chamámos secções, com gente a mais e que depois tivemos que reduzir. Lembrem-se da secção «Pidjiguiti», secção «Vitorino», por exemplo,

etc., que tivemos depois que dividir, porque era gente demais para a capacidade de comando que havia naquela altura, não podíamos. Ficámos só nos bigrupos.

Mas devemos dizer que, num tipo de guerra como o nosso, numa terra como a nossa, a melhor maneira de combater é com pouca gente, dividida em pequenos grupos. Vejam o ataque de há dias a Pitche, depois da reunião que fizemos com os camaradas no Gabú. Ficámos contentes com o camarada Baro Seidi, com o ataque que ele fez, mas dissemos-lhe que podia fazer melhor ainda. Ele encheu-se de facto de capricho, ele e o Buonte Na Sansa, que é o seu comissário político. Depois daquela reunião, ele voltou com os seus combatentes e atacou Pitche com dois grupos de 18 pessoas, entrando dentro do quartel dos tugas, apanhando os tugas dentro dos abrigos, rebentando uma série de casas, etc., etc.. Quer dizer, nós ainda temos a certeza de que, nesta luta, a melhor maneira de lutar é com pequenos grupos e com muita coragem, utilizando ao máximo as nossas armas, sobretudo as nossas armas ligeiras, camaradas.

Infelizmente, desde que temos morteiros, como já vos disse, os camaradas de infantaria desculpam-se um bocado, e as balas da «Patchanga» estão a enferrujar no carregador. Mas vocês vêem, a Direcção do Partido está a lutar, eu estou a lutar, e sabem o que é que estou a fazer por exemplo, estou a tirar gente da infantaria a trazê-la para outros corpos do Exército e a levá-la para outros lugares. E os nossos camaradas comandantes, dirigentes, felizmente entendem isso claro, para nos ajudarem bem. Não vale a pena ter cinco bigrupos a tirar tugas da área de Buba ou da área de Cubucaré, quando se juntarmos dois bigrupos de um la-

do e três de outro, fazendo cinco podemos levá-los para o Norte, para reforçar por exemplo, a nossa acção no Chão dos Manjacos ou em Nhaera que é importantíssimo para nós.

Devemos portanto, a cada passo, ontem como hoje, como amanhã, enquanto durar a nossa luta, coordenar a nossa luta, dominar a nossa luta completamente, saber o que é que se passa. E devemos fazer tudo para que as relações entre as nossas Forças Armadas e o nosso povo, sejam as melhores possíveis. Devemos convencer o nosso povo, pelos nossos gestos, pela nossa acção, pelas nossas palavras, de que os nossos soldados, os nossos combatentes, são seus filhos, que lutam para o defender, que saíram do seu peito, da sua barriga, para o defender, não para lhe fazer mal.

Vários camaradas das Forças Armadas, até responsáveis, têm prejudicado muito o nosso Partido e a nossa luta, estragando as relações das nossas Forças Armadas com a população. Isso como já disse, é um crime de traição, é servir os tucas. Temos que combater isso no duro, mas de verdade. E posso dizer aos camaradas o seguinte: por mais força que o nosso Partido tenha, se não defendermos as boas relações com a nossa gente, cada dia, se não reforçarmos essas relações cada dia mais, através de um trabalho político e de actos concretos da parte das nossas Forças Armadas, a nossa luta será condenada ao fracasso.

Quer para recrutar gente nova para as Forças Armadas, quer para obter o apoio da população, quer até para justificar os nossos sacrifícios, camaradas, é fundamental desenvolver cada dia mais boas relações entre as Forças Armadas e a população da nossa terra. Isso quer dizer que não vamos fazer mal, lá onde temos que fazer mal para

avancar? Isso, paciência, temos de o fazer. Mas não no interesse de um, na mania de um que quer bater, dar bofetadas ou coisa que o valha. No interesse do nosso próprio povo.

Objectivo final da guerra de libertação

Como disse, é bom, a cada momento da luta armada, pôr bem claro a ideia de para onde é que vamos, a cada momento de avanço da nossa luta. O nosso objectivo é tirar os colonialistas portugueses da nossa terra, na Guiné e em Cabo Verde. A nossa ideia, o nosso fim, não é dar nos tucas, deitá-los no chão, como quando lutamos com alguém a *luta* da nossa terra. O nosso objectivo é tirar os tucas colonialistas da nossa terra.

Vocês viram o caso da Guerra do Vietname, que levou à independência da República do Norte do Vietname. Quando acabaram a guerra, com a vitória dos vietnamitas em Dien Bien Phu, onde eles cercaram e derrotaram cerca de trinta mil franceses, os franceses tinham no Vietname quinhentos mil soldados bem colocados, em todas as posições, mas por causa da derrota de Dien Bien Phu, que era um campo inimigo e por causa da pressão política no plano internacional, a França foi obrigada a ceder. Alguns oficiais do exército ficaram furiosos desde essa altura, como o general Salan e outros. E porquê? Porque os franceses ainda tinham muita força, mais força do que nunca. Caso concreto de Argélia. Quando a Argélia chegou à independência através das negociações de Evian, nunca os franceses tinham sido tão fortes na Argélia, tudo quadrilhado, tropas francesas por todo o lado, centenas de milhares de tropas francesas além de um milhão de franceses civis, muitos com

armas nas mãos. Mas por causa do trabalho político, da pressão política, dentro da terra, da coragem do povo argelino, camaradas, coragem grande, sacrifício do povo das cidades. Quando por exemplo, os franceses proibiram todas as manifestações em Argel (quem saísse à rua seria morto), os argelinos, homens mulheres e crianças, levantaram-se velhos e novos, e saíram à rua num domingo com a sua bandeira aberta. Os franceses mataram num dia, mais de seiscentos argelinos nas ruas de Argel. No domingo seguinte saíram outra vez. Camaradas, é preciso coragem. Temos que sentir que a nossa guerra comparada com a guerra do Vietname ou da Argélia para a independência, nós estamos bem, não morremos quase nada.

A nossa gente de Bissau, enquanto nós estamos a fazer a guerra, ela goza as nossas vitórias. Minha senhora, convites para todo o lado onde não costumavam ir, licenças para ir a Portugal, o senhor Mamadú Djassi já aparece no jornal, Exma. Senhora D. Mariama Camará, em Bissau, gozando já dos resultados da luta. Na Argélia, enquanto os combatentes estavam no meio das rochas, no mato ou nas montanhas, na cidade a população levantava-se com força, manifestando sem armas, para mostrarem aos franceses que tinham que ir-se embora. E como isso provocava assassinatos, massacres, a opinião mundial, mesmo na França, levantou-se contra o Governo Francês. Podemos dizer que uma das forças grandes que ganhou a guerra da Argélia foi a própria opinião francesa também, e os filhos da Argélia na França, que eram mais de quinhentos mil e que fizeram sabotagens mesmo na França. Mas como sabem, muitos deles eram também favoráveis aos franceses, de maneira que os argelinos mataram argelinos tanto na

Argélia como na França. Mas forçados pela opinião mundial, pela coragem do povo argelino, pelo sacrifício que teve de consentir, porque na guerra da Argélia morreram pela sua independência, mais de um milhão e meio de pessoas, camaradas. Duas vezes mais a população da Guiné inteira morreu na guerra da Argélia. Sete anos e meio de luta.

Mas o objectivo de uma guerra de libertação não é só para o inimigo nos pedir perdão, reconhecer que perdeu. Não é isso. É ele sentar-se e dizer que temos razão, que tomemos a nossa terra. Por isso é que temos que saber para onde é que vamos com a nossa guerra. E quanto mais batermos o inimigo, em cada pequena batalha em que o enfrentamos, melhor, porque mais depressa chegará o dia em que ele decidirá ir-se embora porque já está muito mal. Na nossa terra felizmente, o tuga sabe que perdeu, mas ainda não se foi embora, não se esqueçam temos que o combater ainda. Ele sabe que ele tem que aguentar por causa de aguentar também Angola e Moçambique e ele tem que fazer força para aguentar um bocado, enquanto pelo menos, não avançarmos mais com a luta em Cabo Verde. No dia em que a luta começar a sério em Cabo Verde, mais alargada, com armas nas mãos, nesse dia a guerra acaba na nossa terra, de certeza. Mas isso não quer dizer que não possa acabar, sem a luta começar em Cabo Verde, pode acabar. A verdade é que, quando começarmos a guerra em Cabo Verde, os tugas ficam mais afrontados ainda, por todos os lados.

Camaradas, nunca é demais repetirmos que o objectivo fundamental da nossa resistência armada é realizar aquilo que não conseguimos só com a política. É abrir, portanto novas perspectivas para o nosso povo, na independência, na paz, no trabalho

COMPOSTO E IMPRESSO
NA INACEP -- BOLAMA